

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

TIAGO ROBERTO FELIPPE

BATMAN, O MORCEGO DENTRO DE NÓS

**RIO DO SUL
2021**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALTO VALE DO
ITAJAÍ - UNIDAVI**

TIAGO ROBERTO FELIPPE

BATMAN, O MORCEGO DENTRO DE NÓS

Projeto de Conclusão de Curso a ser apresentado ao curso de Psicologia, da Área das Ciências Biológicas, Médica e da Saúde do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, como condição parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Prof. Orientadora: Vanessa Gontijo de Freitas

**RIO DO SUL
2021**

RESUMO

O trabalho a seguir se desenvolveu através de uma necessidade de sintetizar e descrever, de uma maneira metodológica e fundamentada, uma análise, a partir das ferramentas fornecidas pela psicanálise e análise de filmes, das instâncias da psique humana observadas em obras de fantasia. Para que essa necessidade seja sanada, e para que o leitor possa compreender não apenas a metodologia, mas também a nomenclatura que a acompanha, uma pesquisa bibliográfica, descritiva e explanatória sobre Freud (1996) e uma revisão atualizada e contemporânea de Lacan (1995) sobre o mesmo se fazem necessárias para dar fundamentação e clareza à leitura. A obra proposta para a realização deste trabalho é o filme do diretor Christopher Nolan, *Batman Begins* de 2005. Nesta obra acompanhamos a trajetória do bilionário Bruce Wayne em sua busca para honrar a morte de seus pais, assassinados na sua frente quando o mesmo era ainda uma criança, e sua cruzada pessoal para proteger sua cidade natal e trazer justiça e segurança àqueles que necessitam. O estudo busca demonstrar ainda, de maneira simples e direta, como o ser humano consegue lançar sobre suas criações elementos tão complexos e intrinsecamente relacionados à psique humana, à experiência social e suas relações com eventos, representações e simbolismos.

Palavras-chave: Freud. Lacan. Psicanálise. Instâncias psíquicas. Análise de filmes. Batman.

ABSTRACT

The following work was developed through a need to synthesize and describe, in a methodological and grounded way, an analysis, from the tools provided by psychoanalysis and film analysis, of the instances of the human psyche observed in fantasy works. In order to reach this necessity, and so that the reader could understand not only the methodology, but also the nomenclature that accompanies it, a bibliographical, descriptive and explanatory research on Freud (1996) and an updated and contemporary review of Lacan (1995) about the same, are necessary to give reasoning and clarity to the reading. The work proposed for the realization of this article is the film by director Christopher Nolan, *Batman Begins* 2006. In this work we follow the trajectory of billionaire Bruce Wayne in his quest to honor the death of his parents, who were murdered in front of him when he was still a child and his personal crusade to protect his hometown and bring justice and security to those in need. The study also seeks to demonstrate, in a simple and direct way, how human beings manage to release such complex elements on their creations that are intrinsically related to the human psyche, social experience and their relationships with events, representations and symbolisms.

Keywords: Freud. Lacan. Psychoanalysis. Instances of the human psyche. Film analysis. Batman.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	5
1.1 TEMA	7
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA	7
1.3 OBJETIVOS	8
1.3.1 Geral	8
1.3.2 Específicos	8
1.4 HIPÓTESE.....	8
1.5 JUSTIFICATIVA	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
2.1 NARCISISMO E SUAS BASES MITOLÓGICAS	10
2.1.1 O mito de Narciso	10
2.1.2 O mito de Édipo.....	11
2.2 NARCISISMO, SUA AÇÃO E GÊNESE EM PSICANÁLISE	12
2.3 O ÉDIPPO EM SEUS TRÊS TEMPOS POR LACAN.....	15
2.3.1 O primeiro tempo do Édipo em Lacan	16
2.3.2 O segundo tempo do Édipo em Lacan.....	17
2.3.3 O terceiro tempo de Édipo em Lacan	18
2.4 NARCISISMO E AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS.....	19
2.5 O VOO DO MORCEGO	24
2.6 O MORCEGO DE BATMAN BEGINS	27
3. METODOLOGIA.....	31
3.1 MODALIDADE DE PESQUISA	31
3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	33
3.2.1 Bruce e o segundo tempo do Édipo	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho é “BATMAN - O MORCEGO DENTRO DE NÓS”, sendo a sua delimitação a tentativa de relacionar a questão da arte com a representação das questões e simbolismos humanos. Este tema foi escolhido através de uma necessidade de se expor, como estruturas da psique humana, observadas e estudadas por Freud (1914), suas origens e processos, podem estar intimamente relacionados e representados em obras de ficção e fantasia e em seus respectivos personagens.

Este trabalho é orientado pelo problema da pesquisa “é possível identificar, a partir das ferramentas fornecidas pela Psicanálise e análise de filmes, as instâncias da psique humana observadas na obra de fantasia *Batman Begins?*”, que irá constantemente operar como o norteador do desenvolvimento do mesmo, tornando-se o objetivo geral do trabalho.

Já os objetivos específicos visam examinar as interações e comportamentos do personagem; investigar os eventos que ajudam a moldar a personalidade do mesmo; relacionar as ações e características do personagem com os conceitos estabelecidos da Psicanálise. Todos esses elementos tentam demonstrar como o ser humano consegue lançar sobre suas criações elementos tão complexos e intrinsecamente relacionados à psique humana, à experiência social e suas relações com eventos, representações e simbolismos.

O trabalho é composto por três etapas, onde a primeira, intitulada “narcisismo e suas bases mitológicas”, tem a função de esclarecer ao leitor a origem por trás dos nomes e condições as quais Freud (2014) se utilizou para tecer sua elaboração acerca das observações realizadas sobre o fenômeno do narcisismo e do complexo de Édipo, entendendo que os mitos possuem uma representação simbólica significativa e importante para compreender a nomenclatura específica da área.

Na sequência, uma breve revisão sobre os estudos de Freud (1914) tomará lugar para explicar a observação feita pelo mesmo sobre o fenômeno o qual ele chamaria de narcisismo, demonstrando que, em sua elaboração, o mesmo possui dois momentos específicos. O narcisismo primário que, conforme Freud (1914), se caracteriza pela onipotência do bebê e a sua movimentação para atender aos desejos impostos por sua necessidade, tomando a si mesmo como objeto de desejo, e fechando o pensamento com o narcisismo secundário. Neste, percebemos que o indivíduo busca o gozo através da formulação de um objeto de desejo externo para que, através dele, consiga preencher a necessidade do próprio ego, redirecionando a energia para si mesmo, voltando a um narcisismo propriamente dito.

No tópico “o Édipo em seus três tempos por Lacan”, vamos acompanhar uma revisão de literatura feita por Lacan (1995) sobre o complexo de Édipo e sua revisão contemporizada do tema. Em uma divisão de três subtópicos, vamos acompanhar a evolução do indivíduo em seu primeiro tempo, onde ele interpreta o amor e a relação com a mãe, nutre seu desejo por ela e acredita ser o único detentor da atenção e dedicação da mesma. No segundo momento temos a entrada da figura do pai, colocando um impedimento nas interações com a mãe e trazendo consigo a lei e o regimento, fazendo com que o indivíduo agora entenda que precisa agir dentro de um conjunto de regras para atender seus desejos. No terceiro e último tempo, o indivíduo abdica do desejo pela mãe e começa a elencar outros elementos para que ele possa buscar por conta própria, se abrindo para a sociedade e suas interações.

Fechando as observações e estudos psicanalíticos de Freud presentes para a realização deste trabalho, iremos nos debruçar no tópico “narcisismo e as instâncias psíquicas”. Dentro do mesmo, vamos revisar, em uma breve passagem, as três instâncias psíquicas que Freud (1914) observou trabalharem na psique humana, sendo elas respectivamente: o ID, como instância presente desde o nascimento e responsável pela elaboração dos desejos que irão dar movimento às ações do indivíduo; o Ego, como forma do processo de percepção do indivíduo, incumbido de definir se há a existência de elementos que permitem a realização do desejo, tornando-se responsável por permitir que um desejo seja atendido, recalcado ou inibido; e o Superego, como a voz dos pais ou sociedade ecoando nas decisões, tentando garantir que o desejo seja sacrificado em virtude do respeito às leis e regras externas.

Concluindo o tópico, ainda veremos as manifestações do que Freud (2014) veio a classificar como o Ego Ideal, uma tentativa de resgate do narcisismo primário e do amor próprio, onde as energias estão direcionadas ao próprio indivíduo de uma maneira que tente justificar a sua necessidade para as três instâncias, Ego, Superego e ID. Acompanhando o Ego Ideal, teremos também a manifestação do Ideal do Ego em uma construção sobre o narcisismo secundário, buscando elencar um objeto externo para receber o investimento libidinal, como, por exemplo, uma ideia, ideologia, movimento ou símbolo.

Seguindo a construção do trabalho, no tópico “o voo do morcego”, iremos conceber a história e trajetória do personagem fictício Batman e sua evolução e jornada dentro da história e cultura da sociedade humana. Vamos perceber também que, independentemente do período histórico e social, alguns traços da personalidade e do mundo do personagem são inalterados ou, pelo menos, persistentes e constantes.

No tópico “o morcego de Batman Begins”, elaboramos o porquê da escolha desta obra de ficção filmográfica específica para a realização do presente trabalho. Vamos acompanhar

neste capítulo a jornada do jovem Bruce Wayne para trazer justiça às ruas da sua cidade, dar propósito à morte de seus pais, transformar seu maior medo na sua maior força e constantemente lutar entre o homem que precisa ser para a sociedade e o vigilante noturno que combate o crime (BATMAN BEGINS, 2005).

Complementando as questões simbólicas e pertinentes à elaboração do personagem no filme, uma revisão de duas publicações de Frank Miller, que foram essenciais para a construção do roteiro do filme, também foram exploradas, sendo elas “*The Dark Knight Returns - O Cavaleiro das Trevas Retorna*” (1986) e “*Year One - Ano Um*” (2007). Essas publicações foram fonte de inspiração para o filme e, portanto, revisar sua leitura pode dar respostas necessárias para a análise.

Em sequência e para dispor de uma ferramenta ideal para a análise da película escolhida, optou-se pelo trabalho “Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s)” da autora Manuela Penafria (2009). O trabalho da autora, um dos únicos disponíveis com as ferramentas adequadas para nossa análise, baseia-se em um processo criterioso de uma análise filmográfica, apresentando que existem diferentes técnicas para se estabelecer o critério das análises.

Dentre as técnicas apresentadas por Penafria (2009), a “análise de conteúdo” foi a que recebeu destaque para o propósito do presente trabalho. Optamos por essa vertente de análise por podermos nos apropriar da mesma para realizarmos “recortes de cena”, que nos servem como relatos do personagem central ao qual elas pertencem, podendo assim realizar-se uma análise também psicanalítica (FREUD, 1914) ao nos apropriarmos desses relatos levando-os em conta como a manifestação de um cliente sobre sua história, experiências e queixas.

1.1 TEMA

Batman – o morcego dentro de nós.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Quais as instâncias da psique humana observadas na obra de fantasia “Batman Begins” na perspectiva da Psicanálise Freudiana?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Geral

- Analisar, a partir das ferramentas fornecidas pela Psicanálise e da metodologia de análise de filmes, as instâncias da psique humana observadas na obra de fantasia “Batman Begins”.

1.3.2 Específicos

- Examinar as interações e comportamentos do personagem;
- Investigar os eventos que ajudam a moldar a personalidade do personagem;
- Relacionar as ações e características do personagem com os conceitos estabelecidos da Psicanálise.

1.4 HIPÓTESE

As complexas nuances das questões humanas podem ser representadas através da arte de tal maneira que as pessoas, ao observarem estas tais representações, consigam perceber uma identificação de suas próprias experiências e desafios.

1.5 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho foi elaborado a partir da necessidade do autor de se estabelecer uma relação lógica e fundamentada sobre as representações de obras de ficção, sua simbologia e aspectos fantasiosos e como eles contrastam com a realidade e o pensamento humano de acordo com a Psicanálise de Freud (1914).

Esse desejo de reconhecer elementos que estão tão intrinsecamente presentes em nosso cotidiano, em nossas características e atitudes humanas, e como estes mesmos exemplos são constantemente expressados e manifestados em obras de ficção, pinturas e literatura, foi o catalizador do desejo de se tecer um trabalho que, de maneira acadêmica e fundamentada, pudesse trazer luz a essas observações comumente elaboradas por muitos de nós em um senso comum.

A escolha do personagem e, conseqüentemente, da obra para a realização dessa análise veio através de uma provocação interna de sempre questionar a moralidade e justiça difundida e apresentada na infância e juventude através de elementos simbólicos e artísticos como filmes e desenhos. Dentro destes movimentos da cultura pop, Batman foi sempre um dos mais vívidos e humanos. O personagem enfrenta limitações da condição humana, não somente pela sua falta de superpoderes em um comparativo com outros heróis, mas também pelas suas condições morais e de caráter que, constantemente, o colocam sob uma ótica mundana.

Entretanto, quando lançamos essa análise diretamente a uma obra artística, devemos antes de mais nada ter a consciência de que a mesma recebe a influência de sua época, sua cultura, sua sociedade e respectivos autores, fazendo com que a análise necessite utilizar algum recurso para garantir sua fidedignidade e congruência.

Para garantir esse objetivo e manter-se direto, metodológico e científico, um olhar para outros campos de estudo se faz necessário para complementar as observações feitas através das ferramentas psicanalíticas. A multidisciplinaridade, quando coordenada de maneira objetiva, sempre irá expandir a visão e o alcance das reflexões humanas. Para a realização deste trabalho, isso não seria diferente.

Com essa necessidade, porém, o desafio vem acompanhado do pioneirismo deste tipo de pesquisa no campo da Saúde, da Psicologia e da Psicanálise, já que a consulta a trabalhos da mesma linha são escassos e com pouco direcionamento específico de encontro ao objetivo e missão deste projeto. Sendo assim, parte do desejo na elaboração deste trabalho está na possibilidade de se poder abrir uma nova área de estudos aos acadêmicos e colegas que desejarem explorar esse campo de estudos ainda jovem e fértil.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão apresentados os tópicos necessários para o desenvolvimento do tema da presente pesquisa, nos fornecendo, assim, os recursos necessários para a verificação metodológica e de caráter científico. Este mesmo referencial teórico visa também, dentro da reflexão acadêmica, auxiliar o uso de nomenclaturas e ferramentas específicas do campo de estudos do tema.

2.1 NARCISISMO E SUAS BASES MITOLÓGICAS

Devemos compreender, antes de qualquer leitura que se insira dentro de uma área de estudos, que, para que os seus processos e métodos científicos possuam validade e possam ser revisados e reavaliados a qualquer momento, os termos relacionados à nomenclatura da área devem ser respeitados e interpretados dentro do seu conceito de abordagem. Assim sendo, antes de partirmos para a definição das observações construídas, temos de vislumbrar as nomenclaturas evocadas e utilizadas por Freud (1900) quando o mesmo faz referência aos mecanismos que observou agirem na psique do indivíduo. Para tanto, necessitamos mergulhar dentro de algumas de suas fontes de inspiração.

O leitor do psicanalista alemão não demora a perceber, em uma breve leitura de seus trabalhos, que o mesmo faz constante uso de nomes conhecidos da mitologia grega, dentre os quais os mais famosos a se destacarem são Édipo e Narciso. O último em questão é o foco de nossa atenção para podermos compreender as observações acerca do tema proposto.

2.1.1 O mito de Narciso

Conforme segue o conto do poeta latino Ovidius (8), recontado na sua versão traduzida por Dias (2017), na Grécia antiga, a ninfa Liríope teve um filho com o Deus-río Cefiso. Esse filho era Narciso, uma criança bela e que despertava um profundo encanto em todos que se depararam com sua beleza. Sua mãe decidiu um dia visitar o oráculo, Tirésias, a fim de saber sobre o futuro de seu amado filho. O oráculo então revelou a Liríope que seu filho apenas teria uma longa e boa vida se nunca fosse capaz de ver sua própria beleza.

Narciso cresceu e tornou-se um homem de uma beleza incomparável, despertando o desejo de todos à sua volta, homens e mulheres. Porém, seguindo a tradução de Dias (2017), Narciso era orgulhoso, arrogante e constantemente menosprezava todos que lhe dirigiam

elogios e flertes. Um dia, Narciso se separou de seu grupo de caça e vagou pela floresta tentando achar o caminho de volta. Foi quando a ninfa Eco encontrou o jovem rapaz. A mulher havia sofrido uma punição da Deusa Hera, que lançou-lhe um encanto fazendo com que a menina pudesse falar apenas as últimas palavras de uma frase que as pessoas lhe dirigissem.

Ainda conforme o conto de Ovidius (8), ao avistar Narciso, a ninfa apaixonou-se perdidamente, tentando a todo o custo se aproximar do jovem rapaz a fim de lhe propor um relacionamento. Entretanto, por conta da maldição invocada por Hera, a conversa entre Narciso e Eco não conseguia fazer sentido, já que a ninfa sempre repetia as últimas palavras do jovem. Cansado daquela situação e da insistência da ninfa, Narciso rejeitou Eco de maneira bruta empurrando-a e voltando para seu caminho. Ainda de acordo com a lenda, Eco definhou até perder seu corpo totalmente, deixando apenas sua voz para trás.

As atitudes de desprezo e arrogância de Narciso não passaram despercebidas por um dos Deuses, mais especificamente a Deusa da vingança, Nêmesis. Cansada das atitudes do jovem caçador, ela o atraiu para próximo de um corpo de água, onde Narciso, pela primeira vez, contemplou o seu próprio reflexo. Desta forma, segundo Dias (2017), perdidamente apaixonado pela imagem que ele visualizava na água, o jovem tentava a todo custo tocá-la e possuí-la, mas isso era impossível, e logo Narciso veio a definhar e deixar de existir. Nas margens do rio onde fora visto pela última vez, uma bela flor surgiu e ganhou vida. Essa flor vive inclinada como se tentasse enxergar seu próprio reflexo na água, e essa mesma flor ganhou o nome de Narciso.

2.1.2 O mito de Édipo

A história de Édipo faz parte de uma das coleções do dramaturgo Sófocles (496 AC - 406 AC). Na sequência de eventos do mito, traduzido por Souza (2005), Laio, o rei de Tebas, descobre através de um oráculo que está destinado a morrer pelas mãos de seu próprio filho no futuro. Laio havia tido uma criança com sua esposa Jocasta e, a fim de evitar o futuro que havia lhe sido revelado, ele decide entregar a criança, o pequeno Édipo, a um sacerdote que estava incumbido de tirar-lhe a vida.

Porém, o homem não conseguiu executar a ação exigida e, portanto, decidiu dar a criança a outro sacerdote para realizar o sacrifício. Esse segundo sacerdote, também incapaz de realizar a missão, entregou a criança ao rei Pólibo e à rainha Merope de Corinto. Ambos criaram o menino como filho e nunca revelaram a verdade sobre o seu passado. Acompanhando a tradução de Souza (2005), enquanto Édipo crescia e tornava-se um homem, o mesmo recebeu

uma revelação de outro oráculo que lhe disse que ele estava destinado a matar o próprio pai e casar-se com a mãe. Não suportando aquele destino, a angústia de matar o rei Pólibo e casar-se com sua mãe, a rainha Merope, Édipo fugiu de Corinto e foi em direção a Tebas.

Durante sua jornada, Édipo cruzou com um homem e, por conta de um desentendimento com o mesmo, acabou tirando-lhe a vida. Ao chegar em Tebas, o jovem viu a cidade sendo desolada pelo ataque de uma esfinge que iria destruir e devorar a todos se ninguém conseguisse responder o seu enigma. Édipo enfrentou a esfinge, que lhe perguntou, segundo Souza (2005), “qual o ser que caminha sobre quatro patas na sua infância, duas quando adulto e três quando velho?”. O jovem respondeu à esfinge dizendo que esse ser só poderia ser um homem, já que quando criança engatinhamos, quando adultos andamos sobre duas pernas e quando velhos necessitamos de uma bengala. A esfinge desapareceu libertando o povo de Tebas do sofrimento, e como recompensa Édipo virou rei e casou-se com a rainha de Tebas, Jocasta.

Tempos depois, o rei Édipo, a fim de livrar a cidade de mais uma maldição, precisava encontrar o assassino do antigo rei de Tebas. Foi então que Édipo descobriu toda a verdade: aquele mesmo homem que ele havia retirado a vida anos atrás enquanto fugia de Corinto era na verdade o rei Laio, seu pai. Conforme Souza (2005) nos traz em sua tradução, ao saber da terrível peça que o destino havia lhe pregado ao casar-se com seu próprio filho, Jocasta enforcou-se. Édipo não conseguia lidar com a dor do arrependimento, da culpa, e acabou se cegando como punição por suas ações.

2.2 NARCISISMO, SUA AÇÃO E GÊNESE EM PSICANÁLISE

Desde o lançamento de seu trabalho “A interpretação dos sonhos”, Freud (1900) teve de enfrentar os questionamentos, válidos, levantados por seus críticos e opositores. Parte destas críticas, entretanto, ocorriam por uma má interpretação das recentes nomenclaturas estabelecidas por ele às ferramentas do aparato psicológico que ele observou em funcionamento.

Aquele que busca compreender os mecanismos da psique humana descritos e analisados por Freud (1900) na criação de sua Psicanálise tem de conceber o fato de que o narcisismo é peça fundamental em todas as movimentações de relacionamento social. Estudar o conceito narcísico levantado por Freud (1914) nos leva a uma viagem para dentro das percepções humanas e os respectivos desenrolares de nossas interações enquanto seres. Portanto, faz parte do processo termos de nos debruçar sobre as inferências da Psicanálise no que tange este e muitos dos conceitos estabelecidos dentro da mesma.

É importante desde o princípio mantermos em mente que o narcisismo de Freud (1914) deve ser contemplado em duas posições distintas entre si. Como Garcia-Roza (2008), em uma revisão de literatura sobre os estudos de Freud, não aleatoriamente, destacou em um dos títulos do livro como “Um ou dois narcisismos?”. A irreverência do autor é clara quando nos damos conta de que Freud (1914), ao escrever sobre o tema no trabalho “Introdução ao narcisismo”, constata que na verdade existem duas manifestações distintas do mesmo dentro da Psicanálise. Lacan (1995), não obstante, dedicou uma boa parte de seu Seminário 1, intitulado “Os escritos técnicos de Freud”, para justamente explicar a existência destes dois narcisismos de Freud, tendo um dos capítulos recebido o título de “Os dois narcisismos”.

O que os dois autores tentam trazer com essas observações é que Freud (1914) descreveu a operação e funcionamento de um tipo de narcisismo, o qual ele denominou primário, e as ações de um segundo, o qual ele denominou secundário, respectivamente. Sobre o termo narcisismo, Garcia-Roza (2008, p.65-66) ainda nos traz que:

Trata-se [...] de um investimento libidinal sobre uma imagem do eu, imagem esta que não é de um corpo fragmentado como no autoerotismo, mas de um corpo unificado, algo que possui unidade e que se oferece como uma Gestalt e não como um amontoado de elementos dispersos.

No narcisismo primário, ainda como bebê, o indivíduo vive uma onipotência baseada nas suas necessidades e autorrecompensa. Para o bebê, ele é o universo e, sendo assim, não existem outros ou qualquer tipo de dependência ou relação. O mesmo acredita ser autossuficiente por não perceber que todas as suas vontades são atendidas pelos pais, que tratam de atender a todas as suas necessidades. Portanto, conforme Freud (1911) nos esclarece, “toma a si próprio e ao seu próprio corpo antes de passar a escolha de um objeto que seja outra pessoa”.

Esta escolha pelo próprio corpo surge no decorrer dos primeiros anos de desenvolvimento, durante a fase da infância que antecede o Ego. Freud (1914) evidenciou que existe uma falta de relação objetal por parte da criança. Entretanto, a mesma encontra em si mesma uma forma de depositar sua energia libidinal através de zonas erógenas que, por consequência, recompensam-na com uma experiência de satisfação. A essa necessidade de depositar energia no próprio corpo para obter prazer Freud (1914) atribui a nomenclatura de “narcisismo primário”. Cabe salientar que este processo não é o mesmo que o do autoerotismo, já que para Freud (1914) o autoerotismo busca partes fragmentadas do corpo enquanto o narcisismo foca no corpo como unidade. Ainda para Fernandes (2002), “a distinção entre

narcisismo e autoerotismos se encontra no fato de, no narcisismo, a libido investir o ego como objeto, enquanto que o autoerotismo caracteriza um estágio anobjetal”.

O narcisismo primário, porém, só pode ser mantido através da relação dos pais com o bebê, onde os mesmos, através de seus desejos de que os filhos não experimentem perdas e sofrimentos, buscam atender a todas as necessidades de seus filhos, ignorando até mesmo os valores e "aquisições culturais" (FREUD, 1914, p.108) que o próprio narcisismo deles teve de aprender a compreender e respeitar.

O que Freud (1914) busca explicar, de uma maneira mais simples e objetiva, é que o primeiro objeto de desejo que o ser humano enxerga e se dedica é nada mais além dele mesmo, já que o universo/existência do bebê são singulares e não existem interações ou dependências exteriores, pelo menos não assim reconhecidas na percepção do próprio bebê.

Entendendo o funcionamento do narcisismo primário, podemos compreender um pouco melhor a formulação do narcisismo secundário explicado por Freud (1914). Este acontece a partir do momento em que a criança percebe que o universo é maior do que o seu próprio corpo e, portanto, ao reconhecer esses agentes externos, começa a elencar objetos, entendendo o objeto como símbolo do desejo, podendo ser até mesmo outra pessoa. Estes objetos de desejo trabalham como “alvos” da sua libido, que começa a ser investida sobre eles. Ainda para Laplanche e Pontalis (2001) estes objetos são o “investimento da imagem do eu, sendo essa imagem constituída pelas identificações do eu com as imagens dos objetos”.

Em contraste com o narcisismo primário, como nos aponta Freud (1914), estes novos objetos não trazem uma garantia de satisfação, o que por sua vez podem levar a episódios de estresse e rejeição. Para um melhor entendimento do conceito vamos fazer uso de uma metáfora. Entenda, dentro deste conceito metafórico, que a libido funciona como uma energia que dá movimento às motivações humanas, tomando ela em um conceito simbólico de “combustível”. Porém, ao fazer uso desta energia guiada para um objeto externo, a fim de alcançar a recompensa na forma de prazer, existe um gasto da mesma para esse empenho. Agora, compreenda que essa libido, ainda no conceito metafórico de combustível, se renova a cada vez que há uma resposta desejada depois do investimento.

Percebemos, então, que a energia da libido está sempre em constante renovação para manter o ser humano em movimento. Porém, se o objeto elencado para a obtenção do desejo não proporcionar a resposta desejada ou, ainda, não produzir resposta alguma, fará com que o indivíduo sofra um desinvestimento libidinal. Desta forma, a energia se direciona novamente ao seu lugar de origem, o próprio ego. Ainda nas palavras de Freud (1911) “assim, nos vemos levados a conceber o narcisismo que nasce por retorno dos investimentos de objeto como um

narcisismo secundário que se edifica sobre a base do outro, o primário, obscurecido por múltiplas influências.”

Tendo agora o conhecimento sobre o narcisismo e sua ação na perspectiva Freudiana, devemos nos fazer as perguntas “o narcisismo é um mau?”, “ele é um problema em nossas vidas?”. Aceitando o questionamento válido seguido da problematização gerada por estas perguntas, voltemos nossa atenção ao que Freud (1914) pontuou ao estabelecer que o narcisismo é presente em todos os seres humanos por ser uma fase comum do desenvolvimento dos mesmos. O narcisismo primário e o secundário são constitucionais para o desenvolvimento do ser humano e suas relações. Entretanto, seguindo o conceito estabelecido por Freud (1914) e o relacionando com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2014), quando este mesmo narcisismo assume uma manifestação onde a concentração do investimento e do desejo estão somente sobre o próprio indivíduo, fazendo com que ele menospreze, desconsidere e não reconheça os demais, podemos dar ao mesmo a atribuição de patológico, já que precisamos interagir com o mundo e os outros e, para tanto, devemos depositar parte destes investimentos nestas relações e não somente em si mesmos.

2.3 O ÉDIPO EM SEUS TRÊS TEMPOS POR LACAN

Quando Freud (1900) se propôs a dar início às suas publicações em relação aos primeiros aparatos do sistema psíquico que ele havia observado nos comportamentos humanos, principalmente na sua obra “A Interpretação dos Sonhos” (FREUD 1900), o mesmo já havia estabelecido um conceito de que aquilo que observava estava em profunda sintonia com o momento histórico e social em que vivia. Freud ainda identificou que alguns destes mesmos conceitos eram derivados de comportamentos humanos como espécie, e daquela forma haviam permanecido por diversas gerações e assim ainda continuariam sendo. Freud estabeleceu quatro estruturas fundamentais do funcionamento psíquico, sendo eles a transferência, a pulsão, a repetição e o inconsciente.

Devemos lembrar que Freud era um médico e, como um pesquisador na área, buscava utilizar metodologias que validassem suas observações. Sendo assim, sua visão acerca da medicina e da Psicanálise eram semelhantes quando propôs que ambas deveriam evoluir e se modificar conforme a estrutura social e época em que atuavam. Quando Lacan (1995) trouxe Freud para a contemporaneidade, ele não estava modificando os conceitos estabelecidos por ele, mas sim os explicando conforme a nova perspectiva da sociedade e da experiência humana nela, fazendo uma revisão atualizada.

Entretanto, vamos utilizar neste trabalho apenas o conceito do Édipo segundo a observação de Lacan (1999). Para tanto, devemos, antes de tudo, saber que o autor dividiu este conceito em três tempos de observação distintos e ao mesmo tempo dependentes entre si.

2.3.1 O primeiro tempo do Édipo em Lacan

O primeiro momento da observação de Lacan (1999) em Édipo se baseia na relação existente entre mãe e bebê recém-nascido, com ambos dividindo uma estrutura de codependência e união. Durante o processo da gravidez, mãe e bebê dividem as mesmas rotinas e possuem um elo biológico. Entretanto, assim que o momento do parto acontece, mãe e criança são separados deste relacionamento uterino. O momento é traumático para ambos, já que a mãe precisa aceitar a nova condição imposta desta separação corporal e o bebê precisa chocar-se com o novo mundo (LACAN, 1999).

Segundo Bleichmar (1983), ao vir a esse novo mundo, a criança se vê diante de condições que até então não lhe eram conhecidas, como a fome, o frio e as intempéries de se estar vivo. Isso gera no bebê um imediato desconforto que afeta sua estrutura ao ter de lidar com o primeiro contato com o mundo externo. A compreensão que se deve fazer sobre esse desprazer e frustração nesse momento é a que está relacionada com a perda da estabilidade, segurança e todas as funções que eram assumidas pela mãe durante a gestação.

A criança, por não saber como suprimir essas novas necessidades, reage ao desconforto e incômodo chorando, expressando sua inconformidade com a situação atual. Porém, o processo do choro traz consigo a solução para a problematização da “falta”, gerando assim o prazer que acompanha a solução da crise momentânea: o atendimento recebido pela mãe (LACAN, 1999). Logo percebemos a elaboração de um processo desprazer, choro e prazer, que irá se manifestar em uma sequência repetitiva iniciando um novo ciclo na vida do bebê, onde agora a sensação de segurança e de completude está no vínculo de necessidade pela atenção da mãe.

É preciso compreender que, segundo o pensamento de Freud (1914), quando nos referimos à mãe, a mesma é o equivalente a um ideal simbólico da figura que assume esse papel, ou seja, qualquer pessoa que atenda a essas necessidades expressadas pelo bebê assume a figura de mãe para o mesmo. Porém, essa figura precisa preencher outros aspectos que não somente podem ser entendidos como as necessidades naturais e biológicas, mas também as de afeto, desejo e amor.

Devemos nos lembrar que a criança recebe essa atenção e afeto, mas a mãe também estabelece um conceito novo para si mesma. Para ela, a criança é a manifestação de seu desejo,

e a mesma por sua vez recebe essa atenção e carinho como se o amor da mãe fosse algo concreto e imutável. Assim, a criança torna-se o objeto deste amor da mãe, sendo adorado e elevado à posição de “vossa majestade o bebê”, como pontuou Freud (1914).

2.3.2 O segundo tempo do Édipo em Lacan

No segundo momento, Lacan (1999) nos aponta o processo do Édipo primeiramente apresentado por Freud (1974), realçando o sentimento da falta como imperativo na elaboração das interpretações simbólicas que faremos até o fim da vida. A introdução do pai acontece neste segundo momento da vida da criança, e com essa introdução os primeiros conceitos de lei são estabelecidos.

Conforme nos elucidava Lacan (1999), enquanto no primeiro tempo do Édipo tínhamos uma relação de dualidade criando uma unicidade entre mãe e bebê, no segundo momento percebemos a desconstrução deste cenário. A criança agora deve confrontar-se com um concorrente pela atenção da mãe, a qual a criança via como a representação do amor único e inquestionável. O pai surge nesse momento trazendo consigo impedimentos à movimentação do comportamento da criança e de sua relação com a mãe e da mesma em relação à criança.

Se até então o amor da mãe era direcionado ao bebê e todas as suas necessidades e vontades eram realizadas, o que trazia uma sensação de satisfação ao bebê e sua célula narcísica, agora, com o aparecimento da figura do pai, a desestabilização impera. A criança, para Freud (1974), percebe que o amor e a atenção da mãe se direciona também a esse outro indivíduo, o que por si só remete à mesma um sentimento de perda e desconforto que não presenciava desde o rompimento do elo uterino.

O pai não apenas surge subjugando o amor inquestionável da mãe pela criança, ele também traz consigo impedimentos ao filho(a), impondo regras e prerrogativas que até então eram inexistentes na forma como a criança concebia o relacionamento com a mãe. Atitudes que até então eram superestimadas pela mãe tornam-se motivo de repreensões. Tomemos o ato destacado por Freud (1905) de se expor nu como exemplo. Mesmo quando o pai não está presente, o seu nome é reconhecido simbolicamente pela criança como a representação da lei.

Esse movimento de impedimento da figura do pai para a criança é interpretado como a incidência de castração. Este termo determinado por Freud (1924) tem sido erroneamente interpretado pela maioria das pessoas, fazendo com que o sentido de interpretação seja o literal, de que o pai realmente iria amputar o pênis do menino, ou de que o próprio pênis, enquanto órgão genital, é o ponto em questão.

A interpretação acerca da castração deve ser pelo teor simbólico do conceito. A figura do pai “corta” as movimentações da criança com a mãe, e esse corte no relacionamento dos dois vai desligar a criança do ciclo de prazer narcísico e autoerótico obtido através da mãe da forma como acontecia antes - tão forte quanto o corte do ciclo uterino vivido anteriormente havia sido cortado (LACAN, 1999). Por conta disso, o termo castração é utilizado tanto para meninos quanto meninas, já que não faz referência direta ao órgão genital de um indivíduo do sexo masculino, mas sim suas ações como elas eram concebidas até então (FREUD, 1924).

Novamente iremos presenciar o movimento que a falta gera nas ações humanas, movimento este identificado por Freud (1905) e refletido de modo contemporizado por Lacan (1999). A castração exercida pelo pai gera a desestabilização e o sentimento de falta, forçando a criança a perceber que não poderá mais obter o prazer que buscava como o fazia antes. Para que seja possível obter prazer agora, a criança deve repensar as ações de maneira a interpretar a regra existente como uma relação de troca, onde ela precisa sempre ceder algo para que possa receber de volta, ou seja, ela precisa depositar o amor dela nos outros sem ter a certeza de que eles irão retribuí-lo. Esse processo do segundo tempo, se bem vivido e compreendido pela criança, fará com que ela aprenda a lidar com a frustração de não obter tudo o que deseja e, ao mesmo tempo, ir em busca da obtenção de prazer de outras maneiras, como outras pessoas, entendendo que deve se haver uma troca de investimentos.

Se faz necessário que se interprete o “pai”, novamente recorrendo a Freud (1914), como figura simbólica nesse processo. Assim como no primeiro tempo, onde a “mãe” não necessitava ser a biológica, mas sim preencher os requisitos que lhe cabiam a posição, o mesmo pode ser aplicado à figura do pai no segundo tempo. Em outras palavras, qualquer personagem pode assumir esse papel desde que preencha os pontos que compõem a sua simbologia.

2.3.3 O terceiro tempo de Édipo em Lacan

Lacan (1999) nos demonstra que o momento que culmina com os três tempos do Édipo se dá quando o indivíduo, após ter passado com sucesso pelos dois outros tempos, consegue deixar o complexo entrando na condição desejante e internalizando a lei normativa. O sujeito se vê agora pronto para ingressar na vida em sociedade, podendo então construir para si mesmo novas interações, dramas e novos objetos para o seu próprio desejo.

Ainda, como aponta Freud (1914), as crenças fálicas farão parte de nossas vidas como nossas fantasias inconscientes de ter ou de ser o falo, ou seja, de ser ou possuir esse objeto máximo de desejo que por si só seria uma representação do amor incondicional uma vez já

vivido. Ainda nos baseando nas observações de Lacan (1999), seria nesse mesmo período de elaboração do terceiro tempo que se daria o processo de sexuação, e que por consequência insere a criança na condição da “falta”.

O indivíduo buscará construir sua própria identidade enquanto sujeito e também sua identidade sexual (LACAN 1999). Todo o seu desenvolvimento de personalidade irá se constituir nessa condição de ser faltante, onde a falta é novamente a busca pelo objeto não possuído na elaboração do desejo. Essa mesma falta será a responsável por fazer com que o indivíduo gere motivação e realize as movimentações necessárias para sempre avançar em direção a um objetivo (objeto de desejo) estabelecido.

Buscando resumir o complexo de Édipo evidenciado por Freud (1974) e apresentados em seus três tempos por Lacan (1999), podemos entender que o sujeito perpassa o primeiro tempo estabelecendo sua construção de eu indiferenciado para uma imagem unificada de corpo e começa a compreender sua posição de objeto de desejo através da relação com a mãe. No segundo tempo o indivíduo vivencia as limitações impostas ao seu desejo pela figura do pai, compreendendo assim que existem leis e regras para a obtenção do objeto de desejo. No último tempo o sujeito consegue internalizar essas limitações impostas, o que por consequência acaba o preparando para a vida em sociedade ao entender que, para se obter a atenção ou tornar-se o objeto de desejo de outro, ele deverá primeiro depositar esse desejo neles obedecendo a condições limitantes e reguladoras.

2.4 NARCISISMO E AS INSTÂNCIAS PSÍQUICAS

Como uma consequência dessa relação existente entre os pais e o bebê, os primeiros objetos sexuais a serem eleitos possuem relação direta com as experiências de satisfação. Bleichmar (1983) consegue nos auxiliar acerca desta observação sobre o narcisismo, relembrando-nos o que Freud (1989) já havia escrito em “A Interpretação dos Sonhos” quando faz referência a “tensão de necessidades” e a “experiência de satisfação”.

Conforme Bleichmar (1983) nos elucida, o bebê vem ao mundo deixando para trás o conforto e a segurança gerada pelo útero da mãe. Assim que é apresentado ao mundo exterior, começa a ter sensações que até então eram desconhecidas, como o frio, a necessidade de respirar por conta própria e a fome. Todas estas sensações de desconforto são autônomas e têm como função alertar o indivíduo a fim de preservar a própria vida, ou seja, a sensação é extremamente incômoda por representar a iminência de algo catastrófico.

Freud (1914) pontua que estas sensações geram a “tensão de necessidade”, uma força natural a todos os seres humanos que motiva e impulsiona o indivíduo a buscar uma maneira de sanar este desconforto. Utilizaremos agora a fome como o elemento desta mesma tensão geradora de incômodos e em seguida iremos perceber a elaboração de um desejo, o de erradicar aquele desconforto proveniente da fome.

Necessariamente o bebê ainda não sabe o que deve fazer para eliminar essa sensação frustrante que o domina, porém, o “desejo” de encontrar algo que seja capaz de lhe livrar deste infortúnio é então concebido. Assim que a criança é apresentada ao seio da mãe e realiza o movimento de sucção, recebendo o leite e aplacando sua fome, ela encontra uma maneira de eliminar o desprazer da tensão e voltar a um estado de relaxamento através dessa “Experiência de Satisfação”. Sendo assim, conforme nos aponta Bleichmar (1983), quando voltar a sentir fome novamente, baseando-se na primeira experiência, a criança buscará executar a mesma ação a fim de obter o prazer novamente.

O que acontece em seguida é que a mesma sensação obtida da primeira vez não acontecerá mais com a mesma intensidade e prazer, fazendo com que a partir deste momento o ser humano seja movido em busca de novos desejos na tentativa de preencher a falta, eliminando o desprazer e recebendo sua experiência de satisfação (BLEICHMAR, 1983).

Esse desejo elaborado primeiramente por uma necessidade física acaba com o tempo se desenvolvendo em nossa jornada de crescimento para uma elaboração mais sofisticada. Como Freud (1996) ainda elabora, esse desejo vai receber a energia necessária para o empenho em atendê-lo de algo que ele classificou como pulsão. Uma forma de motivador energético gerado através da libido e desejo sexual humano, entendendo que o termo sexual não está apenas relacionado ao sexo, mas à excitação e ao prazer em se fazer algo que se deseja fortemente. A pulsão, para Freud (1996), vai nos acompanhar até o último momento de nossas vidas, guiando nossas vontades e movimentos.

Como demonstrado por Freud (1996) através do processo do narcisismo primário e secundário, o ser humano bebê acredita ser o universo onipotente, onisciente e onipresente e o que existe são apenas os seus desejos, primeiramente elaborados por uma necessidade de se alimentar e sobreviver. Entretanto, com o tempo o bebê começa desenvolver desejos que não estão necessariamente ligados a sanar a questão sobrevivência, mas sim a atender a vontades mais sofisticadas, desejos gerados espontaneamente com base apenas nas recompensas que poderão proporcionar um prazer subjetivo ao indivíduo.

A construção desses desejos dá origem à estrutura que Freud (1996) chamaria de ID, um elaborado sistema de pulsões e vontades primitivas que busca constantemente recompensar

o indivíduo com o prazer através de algo que ele concebeu como um desejo inconsciente. Segundo Freud (1996), o ID está presente desde o nosso nascimento, dando a ele a condição de estrutura permanente na psique humana, ou seja, não é algo do qual tenhamos controle ou influência sobre. Na verdade, iremos passar nossas vidas lidando com sua voz imperativa em nosso desenvolvimento.

Ao conceber-se a ideia de que o ID é um elemento inconsciente e autônomo, devemos entender como esse sistema opera em nossos comportamentos e como ele pode ser evidenciado através da observação que Freud (1996) realizou em suas investigações. Vamos tomar a simples ação do bebê com o seu choro em busca de alimento. Quando o mesmo chora, ele busca ser atendido imediatamente, mas o ponto em questão é: ele busca apenas o prazer obtido pela alimentação com o leite da mãe? Ou algum prazer vinculado a outros elementos, como o toque da mãe, a sensação do seio nos lábios ou o movimento de sucção executado no processo?

O que o questionamento levantado propõe é que nem toda a ação está ligada ao processo de sobrevivência, mas também ao da obtenção do prazer que irá se manifestar de maneira subjetiva. O ID irá guiar essas vontades e a necessidade de ter esse desejo gozado o mais rápido possível com o máximo de gozo.

O ID, segundo o que nos demonstra Freud (1996), pode ser considerado a origem de todos os nossos desejos e vontades que irão nos dirigir aos objetivos se utilizando da energia necessária gerada pela libido através de nossas pulsões. Nesse elaborado sistema de busca de prazer não se existe certo ou errado, permitido ou negado, possível ou impossível. O ID é o que é e suas elaborações são aleatórias, constantes e imprevisíveis. Entendendo isso, devemos novamente nos questionar por que a maioria dos seres humanos não são caóticos, randômicos e sem controle sobre suas ações? O que nos impede de agirmos conforme as nossas vontades e desejos?

O responsável por não agirmos imediatamente de acordo com nossas vontades, conforme nos aponta Freud (1996), é o nosso Ego. Um segundo elaborado psíquico que trabalha através da percepção e que, conforme compreendemos através de Lacan (1995) surge durante o desenvolvimento da criança em seus três tempos do Édipo, quando a mesma começa a ser exposta à figura do pai/lei e aos impedimentos que começa a receber para as suas ações e desejos através das figuras paternas.

O Ego está intimamente relacionado à percepção e realiza uma breve análise das consequências de atender ou não ao desejo do ID em relação ao momento e ambiente presente. Para Freud (1996), o Ego faz a ligação entre o desejo interno do ID e o mundo externo das limitações impostas.

Enquanto bebê, a única percepção era a própria existência. As necessidades geradas pelo ID eram rapidamente atendidas e sanadas. Entretanto, com o desenvolvimento acompanhado pelos anos e a apresentação de impedimentos advindo do relacionamento com os pais, a criança se vê tendo de elaborar se o desejo do ID deve ser atendido, postergado ou mesmo inibido, baseando-se em sua percepção das condições impostas e a possível reação às suas atitudes diante da repressão que pode vir a sofrer.

Segundo Freud (1996), o Ego teria a base de sua atividade parcialmente presente no consciente (através da percepção) e em parte em um campo do pré-consciente e também inconsciente. Podemos observar essa operação em campos diferentes ao entendermos que o Ego consegue reconhecer os desejos manifestados através da pulsão que vem do inconsciente e melhor regulá-los à situação externa e consciente.

Quando o indivíduo chega a um período do seu desenvolvimento entre a infância e a adolescência, período esse que Freud (1996) caracteriza como latência, o mesmo desenvolve uma terceira estrutura psíquica, o Superego. Nossa personalidade social e moral ganha forma baseada nas percepções do Ego e as interdições parentais que o indivíduo recebe dos pais. Após ser privado do amor da mãe em seu complexo edipiano e ter gerado a identificação com os pais em um segundo momento, o indivíduo tem seu Superego estabelecido como uma voz de censura, uma voz sobre aquilo que se espera dele e sobre o que seria certo, aceitável e permitido em relação às expectativas externas. Essa voz vai ressoar durante a avaliação do Ego sobre a decisão de realizar a vontade exigida pelo ID ou não, em um conflito de desejos versus limitações.

Se o desenvolvimento do indivíduo acontecer de maneira suficientemente ordenada, tendo completado todas as condições necessárias durante os três períodos do Édipo (LACAN, 1995), esse sistema com três divisões será estabelecido na psique humana e irá constantemente operar em suas relações, com o ID idealizando o desejo e exigindo sua recompensa, o Ego com sua percepção tendo de tomar a decisão sobre acatar a vontade do primeiro, recalcar esse desejo, ou não permitir sua realização, com a voz do Superego sempre ativa, vigilante e condenatória ecoando sobre os processos de tomada de decisões e se elas estão alinhadas às expectativas da normativa social.

Agora que podemos conceber a ideia do narcisismo, a evolução dos três tempos do Édipo em Lacan e a forma de operação das três instâncias psíquicas, Ego, ID e Superego, possuímos o conhecimento necessário para compreender o conceito estabelecido por Freud (1996), quando o mesmo se referiu ao Eu Ideal e o Ideal do Eu. Estes dois últimos tópicos, necessários para a elaboração de nossa análise, devem ser contemplados entendendo que suas

motivações, apesar de distintas, se inter-relacionam e fazem parte do processo narcísico de cada sujeito.

Quando Freud (1914) fez alusão a estes dois conceitos, dúvidas surgiram em relação ao papel que cada um deles exercia no desenvolvimento do indivíduo. Entretanto, Lacan (1999) conseguiu relacionar bem as motivações existentes entre ambos, apontando que os dois são intimamente ligados ao primeiro narcisismo.

Como Freud (1914) nos deixou claro na atuação do narcisismo primário, nossos pais estão sempre presentes para atender às nossas necessidades, dependendo apenas de nossas ações como chorar ou fazer birra para sermos atendidos e sermos recompensados, somos o objeto de desejo de nossos pais e de nós mesmos ao mesmo tempo. A manifestação daquilo que Freud veio a chamar de Eu Ideal nada mais é do que uma tentativa de se resgatar a onipotência ou o narcisismo primário, ou seja, esse depósito da libido no próprio indivíduo.

O comportamento desencadeado por conta deste depósito de energia em si mesmo se manifesta em nossas interações nos comportamentos onde agimos e atuamos da maneira como os outros gostariam ou como imaginamos que eles assim o fizessem. Assim sendo, com a utilização desta persona por nós elaborada com base no que acreditamos ser o esperado, tentamos nos tornar o objeto de desejo dos outros. Uma vez assumindo essa posição, acreditamos que iremos receber toda a atenção para nós mesmos, pois, agora que nos tornamos o objeto de desejo dos demais, voltamos a receber a atenção como “vossa majestade o bebê”. Ainda como apontado por Freud (1914):

Ele não está disposto a renunciar à perfeição narcisista de sua infância; e quando, ao crescer, se vê perturbado pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico, de modo a não mais poder reter aquela perfeição, procura recuperá-la sob a nova forma de um Ego Ideal.

Podemos entender o Ego Ideal como uma manifestação da nossa personalidade. Pode-se abrir caminho para essa interpretação ao reconhecermos que a origem da palavra personalidade está ligada a sua raiz em persona, que significa máscara. Em outras palavras, é a maneira como nos apresentamos para os demais.

Muitas vezes, para, de acordo com Freud (2017), elaborarmos essas máscaras, nos inspiramos em figuras heroicas e buscamos nos comportar de maneira semelhante a elas para que possamos obter o nosso próprio objetivo. Isso acontece porque idealizamos, daí o nome Ego Ideal, que receberemos aquelas mesmas recompensas que nossa figura de inspiração aparenta receber. O que por diversas vezes também acaba sendo a causa maior de nossos

sofrimentos, pois não há garantias de que aquele comportamento irá de fato trazer tais recompensas.

Outro ponto importante que necessita de reflexão e que Freud (1914) exemplifica é que esse Ego Ideal sempre se manterá como algo muito distante e impossível de se alcançar, fazendo com que nunca tenhamos a plena sensação de completude. Ao mesmo tempo, essa sensação fará com que continuemos a movimentação na tentativa de preencher esta falta que nos aflige na tentativa, sempre frustrada, de recuperar nossa onipotência. Mas, se conseguimos agora interpretar o Ego Ideal, o que o difere de um Ideal do Ego?

Para Freud (2017), o Ideal do Ego irá ser uma elaboração, na esfera simbólica, que irá justificar junto às três instâncias, Ego, ID e Superego, a permissão para que aquele desejo narcísico do amor próprio possa acontecer, ou pelo menos que não sofra punições e/ou impedimentos. Seria uma maneira de agradar a voz do Superego como uma justificativa moral, apresentar um cenário favorável para a percepção do Ego e, conseqüentemente, gozar do prazer idealizado pelo ID.

Para Lacan (1999), se o Eu Ideal é uma construção sobre o narcisismo primário, onde o direcionamento da energia para o prazer está no próprio sujeito, o Ideal do Ego será uma instância elaborada sobre o narcisismo secundário, que busca elencar um objeto externo para receber esse investimento libidinal, ou seja, um símbolo, uma ideia, ideologia, motivação, marca, movimento e etc.

O Ideal do Eu é o responsável pela criação da nossa estrutura de admiração, onde elencamos alguém ou algo que substitui a figura de nossos pais, antes tomados como seres supremos e carregados de virtudes, mas que após nosso desenvolvimentos percebemos como seres humanos falhos assim como nós, por posições e valores pelos quais eles também se orientam, como professores, códigos sociais, leis e valores. Portanto, acompanhando o que diz Freud (1996), entende-se assim que o Ideal do Eu irá ser sempre algo inalcançável, mas que estará sempre em nosso horizonte fazendo com que nos desloquemos sempre em sua direção.

2.5 O VOO DO MORCEGO

Batman é sem dúvida um dos super-heróis que, através dos anos, tem se mantido entre os mais queridos e celebrados na cultura pop em geral, independentemente das diferentes épocas e gerações as quais atravessou e foi escrito. Dentre os motivos que possivelmente elencam a razão pela qual o personagem é tão reconhecido, de acordo com a Warner Bros Entertainment (2021), está o fato de o mesmo não possuir superpoderes como tantos outros, o

que, conseqüentemente, faz com que qualquer pessoa possa sentir-se conectada a ele, principalmente por dividirem as mesmas limitações da condição humana.

Outro motivo para que possivelmente exista uma ligação justificável entre público e personagem está presente no âmbito social em que o mesmo existe, com suas histórias sempre mantendo um relacionamento íntimo e paralelo com o momento político, social e econômico que o mundo vive. Entretanto, estabelecendo um olhar psicanalítico (FREUD, 2014), percebemos que a condição que pode justificar essa identificação com o personagem também pode estar na condição simbólica da sua obscuridade, violência, vícios, virtudes, falhas e problemas.

Cabe observar que o personagem sofreu diferentes transformações com o passar dos anos, mas algumas condições parecem ter permanecido mais fortes e imutáveis em todas as suas versões desde o seu surgimento em 1939 pelas mãos de seu criador Bob Kane (WARNER BROS ENTERTAINMENT, 2021). Essas condições imutáveis estão nos acontecimentos relacionados à morte dos pais, assassinados em frente aos seus olhos, sua condição econômica e status na sociedade, sua necessidade e desejo por justiça, seu sacrifício pelos outros e o seu código pessoal de não tomar vidas, mesmo que sejam de pessoas consideradas por ele a escória da humanidade.

Devemos, não obstante, lançar um olhar acerca de outros elementos mais psicológicos que sempre permanecem inalterados no personagem e que são tão comuns no comportamento humano que, para Freud (2014), poderiam ser elementos como seu narcisismo, sua obscuridade, o comportamento autodestrutivo, o uso do artifício do medo, a violência e, não menos importante, o seu código de moralidade e de honra.

Quando Bob Kane introduziu o personagem nas histórias em quadrinho da Detective Comics (WARNER BROS ENTERTAINMENT, 2021), um dos primeiros traços a ficarem nítidos era a atitude sinistra do mesmo em sintonia com sua violência. O personagem caçava bandidos, aterrorizando-os e dando a eles o mesmo tratamento que davam às pessoas que eles assombravam e afugentaram. Uma profunda e sincera conexão com o momento histórico vivido nos Estados Unidos da época que, após a grande queda de 1929, viu o povo mergulhado em uma grande recessão, originando o desemprego, a fome e as mais variadas mazelas de uma sociedade desamparada. De acordo com Brendon (2000), o crime eclodiu na época, com as formações de gangues e o surto de roubos e assassinatos acontecendo com uma grande constância.

A ideia de um vigilante que fazia com que os criminosos pagassem pelos seus crimes, fazendo com que os mesmos experimentassem o medo e a violência que infligiram aos outros,

gerava uma profunda conexão com as pessoas e seu desejo de poderem se “vingar” ou fazer justiça sobre seus agressores. Um desejo, que conforme Freud (2014), em sua grande maioria, não poderia ser manifestado sem que sofresse um julgamento social, mas que, uma vez tomando a representação simbólica de um personagem fictício, poderia ser gozado livremente.

Conforme nos aponta a Warner Bros Entertainment (2021), do início da década de 1960 até 1980 o personagem mudou seu tom, e essa representação se deu até mesmo nas cores de seu uniforme, que tornaram-se mais claras e chamativas. As histórias representavam momentos em que o personagem agia como um detetive tentando solucionar casos complexos de crimes que aconteciam.

Durante esse período, Batman ganhou uma série de TV que representava o personagem de maneira cômica e infantilizada com a atuação de Adam West. Uma total desarmonia com as origens do personagem e seu estilo sombrio e taciturno. Novamente, podemos relacionar, conforme Campbell (2012), as tramas do personagem ao período vivido nos Estados Unidos, onde a Guerra Fria acontecia e o foco era manter as aparências para o povo americano, valorizando a estrutura da família nuclear trazendo programas televisivos onde todos pudessem aproveitar juntos.

Foi somente com as publicações de “*The Dark Knight Returns*” (O Cavaleiro das Trevas Retorna), pelas mãos do escritor Frank Miller (1986), que o personagem voltou a estabelecer seu conceito de trevas e violência. Na verdade, foi com essa publicação que importantes traços psicológicos foram estabelecidos no personagem, traços esses que tornaram-se canônicos em sua trajetória.

Na sequência de histórias contadas por Miller (1986), Batman havia se aposentado de uma maneira forçada por pressão governamental, deixando sua vida de combate ao crime. Entretanto, ele não conseguia enxergar os habitantes de Gotham sofrendo nas mãos de criminosos e policiais corruptos, sendo obrigado a usar o manto do morcego mais uma vez.

Novamente percebemos que o cenário do mundo real era refletido nas histórias que o personagem vivia, conforme nos aponta Spergel (1990), com os Estados Unidos durante esse período, mergulhado nos conflitos de drogas e gangues da década de 1980. Com esse crescimento, a violência sofre uma grande elevação e começa a afetar todas as pessoas, que intimamente anseiam por alguma forma de justiça ou vingança obtendo um pouco de satisfação através das representações simbólicas do personagem.

Desde o trabalho de Frank Miller na década de 1980, o personagem tem se mantido como um dos recordistas de vendas da DC, editora que produz e publica as histórias do mesmo.

Com o seu tom agressivo, idealista, narcisista e honrado sendo sempre refletido de maneira crua e direta à audiência.

Ainda cabe ressaltar que Batman foge aos tradicionais moldes dos super-heróis, sendo o mesmo considerado por muitos um vigilante, dado o fato de seguir um ideal de justiça criado por ele mesmo que em muitas situações desconsidera totalmente aquele criado pela justiça legal, e que, por consequência, chega até mesmo a agir de maneira oposta. Como dito pelo ator Christian Bale, que interpretou o personagem na trilogia de filmes produzida por Christopher Nolan (2005-2012):

Batman é o seu lado oculto e cheio de raiva demoníaca. A criatura que Batman cria é uma criatura absolutamente sincera e que ele tem que controlar, mas o faz de uma maneira muito casual. Ele é capaz de encenar violência - e matar - então ele está constantemente tendo que se controlar.¹

2.6 O MORCEGO DE BATMAN BEGINS

Para a elaboração do presente trabalho, o melhor formato para a realização da análise que este artigo propõe é a obra cinematográfica “Batman Begins (2005)”, já que a mesma nos proporciona uma interpretação humana e que compila da melhor maneira os elementos necessários para uma análise fidedigna e possível de estudo nos moldes propostos com as manifestações mais desejadas para a investigação através da metodologia de observação.

No filme Batman Begins (2005), o aclamado diretor de cinema Christopher Nolan trouxe para as telas do cinema uma visão revolucionária sobre um dos super-heróis mais reconhecido na cultura pop, Batman. No filme, que contou com as brilhantes atuações de atores como Christian Bale (Batman/Bruce Wayne), Morgan Freeman (Lucius Fox), Michael Caine (Alfred Pennyworth) e Gary Oldman (James Gordon), assistimos a saga do jovem Bruce Wayne em sua jornada de conflitos internos até tornar-se o justiceiro encapuzado que protege as ruas de Gotham City. Batman poderia ser visitado em diversas outras obras para podermos realizar a análise que se pretende neste trabalho, porém, a fim de delinear um objetivo coeso e mais facilmente observável ao leitor, optou-se por trabalhar apenas o personagem em sua representação no filme de 2006

Assim que o filme se inicia somos apresentados a um Bruce Wayne ainda criança brincando com sua amiga, Rachel Dawes (Katie Holmes), nos jardins da mansão de sua família quando um acidente o fez cair em um poço que dá acesso às cavernas existentes abaixo da

¹ No original: *Batman is his hidden, demonic rage-filled side. The creature Batman creates is an absolutely sincere creature and one that he has to control but does so in a very haphazard way. He's capable of enacting violence – and to kill – so he's constantly having to rein himself in.*

mansão. Dentro desta caverna Bruce é apresentado a um medo que o acompanhará por grande parte de sua vida, morcegos.

Somos lançados para o futuro e vemos o protagonista agora em uma prisão estrangeira lutando para sobreviver aos ataques de outros prisioneiros até a chegada de Henri Ducard (Liam Neeson), que lhe oferece uma chance de encontrar respostas treinando junto da liga das sombras, organização da qual Ducard faz parte. Bruce Wayne aceita a proposta e se dirige ao monastério que serve como base para o grupo.

Durante o treino que o jovem Bruce Wayne passou para tornar-se um membro da Liga das Sombras somos apresentados a várias de suas memórias do passado. Compreendemos a forte relação que existia entre pai e filho, o trágico assassinato dos pais pelas mãos de um assaltante, a juventude em busca de respostas para o sofrimento e a raiva, e até mesmo sua tentativa de vingança contra o assassino de seus pais e a consequente lição de moral de sua antiga amiga Rachel.

Para completar o seu treino, Bruce precisa ainda passar por um último desafio, enfrentar seu pior medo e superá-lo. Em uma dramática sequência de eventos onde o protagonista é exposto a um alucinógeno que o faz visualizar seu medo mais profundo, ele consegue vencê-lo e superar seu mestre Ducard. Entretanto, para completar o ritual de graduação, Ra's al Ghul, o líder da Liga das Sombras, exige que Bruce tome a vida de um prisioneiro com suas próprias mãos. Incapaz de tornar-se um assassino como aquele que tirou a vida de seus pais, Bruce se nega a tomar a vida do prisioneiro, vendo-se obrigado a lutar contra seu mentor Ducard e toda a Liga das Sombras.

Após sobreviver ao combate contra Ra's al Ghul, Bruce decide que já é hora de retornar a Gotham e usar tudo o que aprendeu em sua jornada para continuar o trabalho de sua família, proteger e ajudar sua cidade. Ao se reencontrar com seu fiel amigo e tutor Alfred Pennyworth, ele diz que buscará ajudar o povo de Gotham, mas que como um homem ele poderia falhar, sendo assim, ele deveria tornar-se um símbolo, algo acima do mortal.

Ao retornar para Gotham, Bruce estuda a organização da autoridade judicial, seleciona pessoas que ele reconhece como possíveis aliados na luta contra a injustiça, forja uma aliança inusitada com um antigo funcionário das empresas Wayne, Lucius Fox, que lhe provê o equipamento adequado para sua cruzada contra o crime, seleciona o detetive James Gordon como um possível aliado dentro da polícia de Gotham e espera contar com sua amiga de infância Rachel Dawes dentro da promotoria de Gotham.

Em meio aos seus estudos sobre como agir para proteger a cidade, Bruce tem um insight ao ver um morcego que entrou pela janela e está tentando sair da sala. Naquele momento ele

soube que aquele deveria ser o seu símbolo para tornar-se mais do que um simples homem, ele utilizaria a representação do seu medo de morcegos como seu disfarce na luta contra o crime.

Com os equipamentos disponibilizados por Lucius Fox através das empresas Wayne e com uma base estabelecida nas antigas cavernas abaixo da mansão de sua família, Bruce sai pela primeira vez em sua cruzada contra o crime. Seu primeiro alvo é ninguém menos do que o líder da máfia em Gotham, Carmine Falcone. Depois de capturar Falcone em uma cena de crime e expô-lo amarrado a um holofote, Bruce havia mandado uma mensagem aos inimigos de Gotham.

O filme desenvolve enquanto Bruce tenta descobrir que tipo de drogas estavam sendo transportadas para Gotham e qual a finalidade delas, o que acaba colocando sua amiga Rachel em perigo e sob a ameaça de um novo inimigo para Batman, o Espantalho. Bruce consegue salvar Rachel e, com a ajuda de Lucius Fox, sintetiza um antídoto para o gás do medo que ela havia experimentado em sua interação com o Espantalho. O mesmo soro ao qual Rachel foi exposta tem exatamente as mesmas características daquele com o qual Bruce teve contato em seu treinamento com a Liga das Sombras.

A trama finalmente chega ao seu ápice quando, durante sua festa de aniversário, Bruce se depara com seu antigo mestre e mentor Ducard, agora atendendo sob o nome de Ra's al Ghul. Ele revela que a Liga das Sombras vêm lançando o soro do medo do Espantalho no sistema de abastecimento de água de Gotham há meses e pretende usar um dos equipamentos roubado das Empresas Wayne como reagente para o soro, causando uma alucinação coletiva nos moradores de Gotham fazendo com que eles ataquem uns aos outros, disseminando o caos e a destruição.

Após uma intensa batalha contra Ducard e a Liga, Bruce é derrotado e abandonado para morrer dentro de sua mansão em chamas, sendo salvo nos últimos momentos por Alfred. Com sua confiança e motivação reafirmados após as palavras de seu fiel amigo e tutor, Batman ressurge e parte para um último combate na tentativa de salvar os habitantes de Gotham.

Contando com a ajuda de James Gordon, Batman cruza a cidade em busca de seus inimigos, salvando Rachel em meio ao caos e revelando sua identidade a ela no processo. Ducard pretende atingir a torre de fornecimento de água que fica no centro da cidade para disseminar o composto no ar. Após uma sequência frenética de perseguições, Bruce finalmente alcança o vagão do trem de Gotham onde Ducard o aguarda. Os dois combatem ferozmente enquanto Gordon utiliza o batmóvel para destruir os trilhos e impedir que o trem alcance seu objetivo. Ao final, Batman vence o combate contra Ducard e deixa o trem antes que o mesmo seja lançado para fora dos trilhos e exploda com seu antigo mentor dentro dele.

Ao final, Bruce precisa pensar na reconstrução da mansão de sua família e quais serão seus próximos passos como o mais novo cavaleiro das trevas de Gotham. A polícia, ainda não oficialmente, conta com a ajuda de Batman para combater o crime na cidade. Em uma última cena vemos James Gordon e Batman conversando no terraço do departamento de polícia decidindo quais serão os próximos passos em sua cruzada contra o crime, quando Gordon dá a pista para um possível novo inimigo para o homem morcego, um adversário que, assim como o Batman, tem uma inclinação para a teatralidade, o Coringa.

3. METODOLOGIA

3.1 MODALIDADE DA PESQUISA

A metodologia utilizada para a elaboração desta análise se baseia em uma pesquisa bibliográfica descritiva de cunho exploratório, com uma revisão de literatura dos procedimentos, métodos e pesquisas de análise da psique humana segundo os estudos elaborados por Freud (1914), seguidos de uma revisão contemporizada de Lacan (1995) sobre o mesmo. Estes estudos irão proporcionar as ferramentas necessárias para a utilização da metodologia de observação, já que o presente trabalho foca em observar acontecimentos relacionados ao estudo, sem que estes sofram qualquer tipo de interferência, diferenciando o presente trabalho de uma metodologia de cunho experimental onde, segundo Carlos (2021), “...nos experimentos o cientista toma providências para que alguma coisa ocorra, a fim de observar o que se segue, ao passo que no estudo por observação apenas observa algo que acontece ou já aconteceu”.

Obras psicanalíticas de Freud, como “O Narcisismo: Uma Introdução” (1914); “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1974); “Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados” (2014) e suas revisões contemporâneas por Lacan: “O Seminário livro 4: A relação do Objeto” (1995) e “O Seminário livro 5: As Formações do Inconsciente” (1999), foram amplamente necessárias dentro do emprego da metodologia presente no trabalho.

Com a escolha do objeto de estudo sendo o personagem Batman, muitas são as formas de mídia e conteúdo nos quais o mesmo pode ganhar vida, carregando consigo muitas vertentes de pensamento e de formato. Portanto, para atender à exigência metodológica da pesquisa conforme nos orienta (CARLOS, 2021), uma delimitação se fazia necessária para o emprego das técnicas da metodologia de observação e de análise em Psicanálise. Sendo assim, uma pesquisa bibliográfica sobre o personagem também foi desenvolvida para podermos retirar uma das muitas amostras para a observação e análise.

Ao revisar o conteúdo descritivo e bibliográfico disponível para o estudo do objeto, as obras de Frank Miller “O Cavaleiro das Trevas Retorna” (1986) e “Batman Ano 1” (2007) ganharam mais significância por apresentarem momentos e temas oportunos para a realização de uma observação e análise fidedigna. Ao expandirmos um pouco mais o método para outros formatos de mídia, chegamos à conclusão de que a película “Batman Begins” do diretor Christopher Nolan (2009-2012), profundamente inspirada e adaptada nas histórias escritas por

Miller (1986/2007), iria proporcionar o elemento faltante para a metodologia de observação, no caso, o uso de interpretações artísticas e de cenas para a análise.

Recaem ainda sob a responsabilidade desta mesma metodologia de observação os procedimentos de livre associação constituídos na Psicanálise de Freud (2014) e sua íntima relação com as instâncias psíquicas e suas formas de operação da mente humana segundo a mesma. A revisão literária do conteúdo também busca usar uma nomenclatura única da área e, que por consequência de ser específica, deve ser reconhecida e interpretada apenas dentro deste método analítico e do campo do qual faz parte, tendo-se ciência de que seu uso fora do mesmo constituirá uma inadequação dos termos propostos.

Em relação ao processo da observação e de análise de filmes, com foco no uso de recursos psicanalíticos para a avaliação de personagens e processos psíquicos, não se foi possível encontrar pesquisas anteriores com esse foco específico de análise e metodologia com o tema proposto neste trabalho. Portanto, de maneira experimental e científica, recorreu-se a outros estudos da área das artes cênicas, como os trabalhos de Langer (2004) “Metodologia para Análise de Estereótipos em Filmes Históricos” e Penafria (2009) “Análise de Filmes - conceitos e metodologias”, para que a análise seja fidedigna, ordenada, científica e siga a metodologia pretendida para o estudo, interpretação e avaliação.

Especificamente para o desenvolvimento do presente trabalho optou-se por trabalhar-se a metodologia de análise de filmes proposta por Penafria (2007). Em seu estudo, Penafria (2007) propõe que existem maneiras específicas para se fazer a análise de um filme e que o analista pode fazer uso daquela que melhor se adaptar à sua proposta para com a análise. Precisamos ter ciência de que a proposta de análise de filmes não está voltada a revisar o mesmo em um caráter que julga sua técnica, proposta, filmagem ou atuação, ou ainda sucesso em bilheterias. Portanto, elementos de criticidade cinematográfica não são elencados ou relevantes para uma proposta de análise.

Penafria (2007) nos deixa claro que não existe uma maneira universalmente aceita para se realizar uma análise de filmes. Entretanto, a autora nos coloca que “analisar um filme é sinônimo de decompor esse mesmo filme” (PENAFRIA, 2007). Portanto, deve-se haver uma ordenação na estrutura de análise que primeiro decomponha o filme e depois “estabelecer e compreender as relações entre esses elementos decompostos, ou seja, interpretar”.

Dentre as possíveis formas sugeridas por Penafria (2007) para uma análise de filmes, a autora observa que podemos trabalhar, entre outras, com a “análise de conteúdo”, dando foco ao tema do filme e fazendo um paralelo com o resumo do seu conteúdo a fim de verificar o que este traz em relação ao tema inicialmente proposto. O presente trabalho optou por esta técnica

ao estabelecer que o filme pode ser considerado como um relato, assim sendo, temos as condições mais aceitas para adaptar as ferramentas psicanalíticas elaboradas por Freud (1974), tratando o personagem principal do filme como um paciente que presta um relato de suas histórias, nos permitindo elaborar uma análise com o viés da psicanálise voltado ao tema do filme.

Como a proposta é trabalhar com este formato de relatos para a elaboração do presente trabalho, é apenas dentro do mesmo que iremos atribuir o nome de “recorte de cenas” ao elencarmos um relato específico que estejamos analisando. A proposta para a execução desta técnica consiste em selecionar cenas específicas da película que se mostram condizentes com a situação que se deseja observar em relação ao filme e ao personagem. Essas cenas podem ser levantadas de diferentes maneiras dependendo da intenção desejada pela proposta da análise.

Como uma das questões mais pertinentes elaboradas pelo presente trabalho é identificar os elementos na formação do personagem Batman (BATMAN BEGINS, 2005) e sua relação com elementos da psique humana estudados e trabalhados por Freud (1974), a opção pela técnica “análise de conteúdo” de Penafria (2007), a qual alertamos novamente que aqui iremos nos referir como “recorte de cenas”, foi a mais condizente e prudente dentro de nossa perspectiva de análise psicanalítica.

3.2 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

3.2.1 Bruce e o segundo tempo do Édipo

Bruce, conforme nos é apresentado durante o desenrolar do filme Batman Begins (2005), tem um laço afetivo e de cumplicidade muito forte com o pai, Thomas Wayne. O filme deixa claro durante sua exibição de cenas que o foco do menino estava nas lembranças vivenciadas com o pai. A mãe de Bruce, Martha Wayne, aparece em algumas dessas lembranças, entretanto, muitas das vezes como coadjuvante ou mesmo figurante.

A forma como o filme decorre nos deixa espaço o suficiente para interpretar, utilizando a análise de filmes de Penafria (2009) em conjunto com as ferramentas psicanalíticas demonstradas por Freud (1914), que o foco de toda a película se concentra na figura do pai de Bruce.

Tendo essa observação em mente, e nos apoiando sobre os fundamentos psicanalíticos dos três tempos do Édipo em Lacan (1999), podemos interpretar que Bruce tenha conseguido

passar com sucesso o primeiro tempo, onde o foco no relacionamento estaria ligado à figura simbólica da mãe. Ainda apoiando-se em Lacan (1999), superado esse primeiro tempo, o segundo tempo se mostra no relacionamento com a figura simbólica do pai, onde percebe-se que Bruce ainda está se apoiando para compreender os fundamentos da lei e da ordem, tendo em Thomas a manifestação de justiça e de impedimentos.

A sequência de cenas de *Batman Begins* (2005) infelizmente não nos apresenta como era o relacionamento social de Bruce em outro ambiente que não o do próprio lar onde ele habitava ou com outras pessoas que não fizessem parte do mesmo. Porém, ao assistir a cena do velório dos pais de Bruce, podemos perceber a ausência de outras crianças da idade do menino, com exceção de sua amiga Rachel Dawes, o que nos permite acreditar que Bruce não frequentava a escola regular.

Apoiado nessa interpretação podemos perceber, sustentados pelo terceiro tempo do Édipo em Lacan (1999), que Bruce não parece ter completado essa fase de sua jornada de maneira satisfatória, ou seja, ainda de acordo com o que nos trazem Freud (1996) e Lacan (1999), ele superou o primeiro tempo no relacionamento afetivo de dualidade com a mãe e compreendeu o significado dos impedimentos causados pelo pai, abandonando o desejo pela mãe. Entretanto, o trauma da morte de ambos parece acontecer justamente quando Bruce deveria estar vivenciando o terceiro tempo, onde o mesmo teria de se relacionar em sociedade e experienciar a manifestação de suas pulsões, frustrações e desejos dentro da mesma.

Outro ponto na obra *Batman Begins* (2005) que pode nos servir de referência para essa observação está no comportamento de Bruce enquanto adulto. É perceptível que o mesmo não se permite interagir de maneira afetiva ou amigável com qualquer pessoa que ele não tenha conhecido em sua infância ou que não tenha tido ligação com seus pais. O que novamente, conforme Lacan (1999), aponta para uma incompletude no terceiro tempo do Édipo.

Ainda nos baseando na obra *Batman Begins* (2005), podemos lançar um olhar sobre as pessoas próximas a Bruce e realmente constatar essa ligação com seus pais e seu passado. O amigo e tutor Alfred servia como mordomo da família Wayne na infância de Bruce, Rachel Dawes parece ser sua única amiga de infância, já que a mãe também trabalhava na mansão Wayne, o detetive James Gordon foi o primeiro a consolar Bruce após a morte dos pais, e Lucius Fox era amigo íntimo de Thomas além de ser seu companheiro nas empresas Wayne. Ducard seria o único que Bruce teria aceitado dentro do seu círculo de amizade sem que tenha tido qualquer relação com o seu passado. Entretanto, podemos, ainda nos permitindo a observação de Freud (2017) sobre a transferência, acreditar que Bruce tenha enxergado em Ducard a figura de uma pai.

Agora, com a ajuda dos elementos fornecidos por Lacan (1999), podemos presumir que Bruce tenha mesmo tido problemas durante a terceira fase do Édipo e que, por conta deste ocorrido, muitas de suas interpretações sobre o mundo estão ligadas à segunda fase que ele havia completado. Portanto, ele divide uma visão de mundo ligada intimamente aos ensinamentos e justificativas de seu pai.

Vamos nos utilizar do conceito de análise de filmes proposto por Penafria (2009) e realizar um recorte de algumas cenas do filme para melhor elucidar essa forte relação entre Bruce e seu pai, Thomas. Os eventos selecionados dizem respeito à infância de Bruce e à constituição de alguns traços de personalidade específicos que mais tarde iremos observar e justificar, mas que por enquanto precisam ter sua origem explorada.

Quando criança, conforme segue o roteiro do filme *Batman Begins* (2005), vemos Bruce brincar com sua amiga Rachel Dawes nos arredores da mansão Wayne. Durante a brincadeira, o menino decide se esconder dentro de um poço antigo e abandonado dentro da propriedade. Entretanto, as madeiras que cobriam a entrada do poço acabam cedendo com o peso do menino fazendo com que o mesmo caísse vários metros de altura até atingir o fundo.

Ao tentar se recompor da queda, Bruce escuta sons vindos do interior das cavernas que se expandem por dentro do poço. Uma revoada de morcegos foi despertada com o som da queda do menino e então surgem cobrindo o seu corpo, reagindo à presença do intruso. Ainda conforme a edição do filme *Batman Begins* (2005), não podemos ter certeza de quanto tempo Bruce ficou exposto aos morcegos. Porém, durante a sequência, podemos ver que quando é resgatado por seu pai, Thomas, o menino continuava caído e amedrontado, mas sem a presença da revoada de morcegos, com a exceção de alguns poucos que ainda sobrevoavam o local.

Nesta breve lembrança que nos é transmitida através do filme, nos utilizando novamente do conceito de Penafria (2009), podemos perceber três pontos de destaque importantes para a elaboração de nossa análise. O primeiro são as palavras de Thomas ao filho quando o tenta retirar do poço, dizendo a ele “*Bruce, it’s ok. It’s ok, you’ll be ok*”² (BATMAN BEGINS, 2005), confortando-o para que ele pudesse se sentir mais calmo e poder assim retirá-lo do poço.

O segundo momento vem novamente de Thomas Wayne dizendo ao filho, após o mordomo Alfred comentar que havia sido uma grande queda, “*Why do we fall, Bruce? So we can learn to pick ourselves up!*”³ (BATMAN BEGINS, 2005). Novamente percebemos que

² Bruce, está tudo bem. Está tudo bem, você vai ficar bem. (BATMAN BEGINS, 2005, nossa tradução).

³ Por que nós caímos, Bruce? Para assim podermos aprender a nos levantar! (BATMAN BEGINS, 2005, nossa tradução).

Thomas tenta acalmar seu filho, confortando-o e demonstrando que havia ali um aprendizado após aquela situação.

O terceiro momento, nesta pequena sequência de eventos que aparece de maneira singela, mas não menos importante, e que só pode ser novamente contemplado com mais precisão com o uso das técnicas de análise de Penafria (2009), é a interação de Martha Wayne na cena. Nos utilizando dos três tempos do Édipo em Lacan (1999), percebemos que o foco das lembranças de Bruce não estão diretamente ligadas à mãe. Esta é uma das únicas cenas onde ela troca palavras com o filho, entretanto, o áudio fica propositalmente abafado e de difícil entendimento, embora seja possível entender que ela quer saber como o filho está enquanto Thomas explica que não é nada grave. Isso reforça o entendimento de que Bruce está intimamente ligado ao segundo tempo do Édipo (LACAN, 1999).

Vamos continuar seguindo o modelo psicanalítico de Freud (1996), onde o mesmo aponta que necessitamos retornar a eventos passados de nossas histórias para compreender melhor nossas ações e comportamentos no presente. Para tanto, vamos analisar novamente algumas interações de Bruce com o pai no passado para mais tarde ligarmos elas ao seu eu do presente, também apresentado no filme.

Voltando a fazer uso da técnica de Penafria (2009), temos outra cena que podemos apontar como um importante elo entre Bruce e a figura paterna de Thomas Wayne. Ao observarmos a cena em que os pais de Bruce o levam até o teatro para assistirem a uma apresentação de ópera, percebemos o quão importante era o bem estar dos cidadãos de Gotham para Thomas. Na cena, ele explica ao filho como as empresas Wayne desenvolveram uma forma de transporte mais econômica e acessível às demais pessoas da cidade, que passava por uma crise financeira. Bruce fica interessado em entender essa situação e questiona o pai sobre sua profissão, onde Thomas explica que prefere deixar os negócios das empresas Wayne sob a responsabilidade de outros parceiros enquanto ele se foca diretamente na sua verdadeira profissão, a medicina (BATMAN BEGINS, 2005).

Fica importante observarmos que durante este recorte de cena, tomando novamente os conceitos de Penafria (2009), a família Wayne não está indo para a apresentação de ópera usando um veículo particular, mas sim o próprio transporte ao qual Thomas fazia referência. Uma clara representação do quanto ele se sentia em dívida com a cidade onde morava e os cidadãos que nela habitavam e tentava ensinar o mesmo ao filho.

Dando seguimento à sequência de eventos que retratam o passado de Bruce em Batman Begins (2005), vamos retornar a uma cena anterior onde podemos ver Thomas acordando o filho para poderem ir à ópera e percebendo que o mesmo ainda parece incomodado. Ao perceber

que o motivo pelo qual o menino está se sentindo deprimido e inseguro foi o ataque dos morcegos dentro do poço, Thomas tenta confortá-lo novamente, explicando que os morcegos, assim como Bruce, também estavam amedrontados e que apenas o atacaram por se sentirem intimidados.

Esse fator do medo de morcegos que Bruce experimenta de maneira tão intensa acaba aparecendo mais tarde no momento em que ele e os pais assistem à apresentação da ópera. Em determinado momento a apresentação envolvia artistas fantasiados como morcegos e que faziam acrobacias pendurados em cordas no palco, e o menino teve uma crise de ansiedade provocada pelo medo das criaturas. Bruce então chama a atenção do pai e diz que deseja ir embora. Thomas parece entender que a causa foi o recente acidente do filho com os morcegos na mansão Wayne e se retira da apresentação junto de sua família (BATMAN BEGINS, 2005).

Ainda conforme a película *Batman Begins* (2005) nos representa, a família Wayne deixa o teatro pelos fundos do estabelecimento e Martha pergunta a Bruce o que aconteceu, mas Thomas diz que foi ideia dele sair mais cedo para não deixar o filho ainda mais ansioso do que já estava. Entretanto, é nesse momento que Bruce acaba se deparando com o seu derradeiro trauma. Um homem armado tenta assaltar a família Wayne e acaba assassinando Thomas e Martha na frente de Bruce, emprenhando fuga em seguida.

Utilizando o recorte de cenas (PENAFRIA, 2009) para a análise a seguir, assistimos a um Bruce Wayne inerte, sem ação e congelado pelo medo e pela cena que havia presenciado. Com suas últimas forças, Thomas chama o filho e, enquanto segura suas mãos, diz "*It's ok. Don't be afraid.*"⁴ (BATMAN BEGINS, 2005) antes de fechar os olhos e morrer.

Essa é a última memória contendo os pais de Bruce à qual temos acesso dentro do filme e é considerada a motivação que o personagem encontra no futuro para tomar muitas de suas decisões. Entretanto, precisamos observar com considerável atenção as palavras de Thomas ao filho, novamente tentando preservar o mesmo e ensinar a ele a não temer. Outra questão relevante é percebermos como Thomas usa as mesmas palavras que utilizou ao salvar o filho dentro do poço, "*It's ok*"⁵ (BATMAN BEGINS, 2005).

Depois de compilarmos todas essas memórias expressadas neste recorte de cenas (PENAFRIA, 2009), podemos ficar mais confortáveis em assumir, de acordo com Lacan (1999), que Bruce Wayne possuía uma conexão muito forte e profunda com a figura do pai, o que por sua vez nos leva ao segundo tempo do Édipo quando percebemos que o menino não

⁴ "Está tudo bem, não fique com medo." (BATMAN BEGINS, 2005, nossa tradução).

⁵ "Está tudo bem." (BATMAN BEGINS, 2005, nossa tradução).

conseguiu, muito em função do trauma, experimentar a vida social e de interação com outros que não sua própria família, como deveria fazer no terceiro tempo.

A dificuldade em se relacionar com outros

Se nos apoiarmos no compilado de informações que angariamos através da ferramenta de recorte de cenas (PENAFRIA, 2009), percebemos que Bruce sofre com a incompletude do seu terceiro tempo de Édipo. As informações as quais ele parece ter em relação a outras pessoas que não as de sua família é supervalorizada pelos ensinamentos de seu pai (LACAN, 1999). Thomas falava que a família Wayne tinha uma dívida para com Gotham City e seus cidadãos e que, portanto, deveriam zelar por eles, protegê-los e guardá-los (BATMAN BEGINS, 2005).

A interpretação deixada através da análise Freudiana com base nos três tempos do Édipo (LACAN, 1999) é que o fato de Bruce ter sofrido o trauma da morte dos pais especificamente durante o processo de se vivenciar o terceiro tempo fez com que ele interpretasse de maneira radical os ensinamentos do pai. Podemos ainda interpretar que o misto gerado pela frustração do medo pessoal de morcegos, que conseqüentemente levou à morte de seus pais, e o ódio gerado pela frustração de sua incapacidade de agir tenham sido decisivos para mais tarde Bruce traçar seus planos como Batman.

Revisitando outra cena nas memórias de Bruce (PENAFRIA, 2009), acompanhamos o momento em que ele volta a Gotham City para acompanhar o julgamento de Joe Chill, o homem responsável pela morte de seus pais e que recebeu uma diminuição da pena por cooperar com investigações contra Carmine Falcone, seu antigo companheiro de cela e chefe da máfia de Gotham (BATMAN BEGINS, 2005).

Vamos fazer mais uma pausa para analisarmos um momento rápido, mas importante, nas lembranças de Bruce que antecedem o julgamento (PENAFRIA, 2009). Enquanto Bruce sobe as escadas da mansão acompanhado pelo mordomo Alfred, ambos discutem como estão as aulas de Bruce em Princeton, onde Bruce deixa a entender que ele até gosta do lugar, mas as pessoas não parecem gostar dele (BATMAN BEGINS, 2005). É importante ressaltarmos a importância desse pequeno diálogo para elucidar mais uma vez que Bruce possui problemas para se relacionar com outras pessoas, de acordo com nossa análise que aponta para sua incompletude do terceiro tempo (LACAN, 1999).

Após a conversa com Alfred (BATMAN BEGINS, 2005), o filme nos revela que Bruce está em posse de uma arma e logo o público entende que ele parece desejar se vingar de Joe Chill em seu julgamento. Mais tarde, quando a cena do julgamento ocorre e o juiz pergunta se

alguém da família Wayne deseja se manifestar, Bruce se levanta e deixa a corte. Uma vez do lado de fora, percebemos que Bruce estava esperando Joe passar pelo corredor cheio de repórteres para cometer um atentado contra a vida do mesmo. Porém, seus planos foram frustrados quando uma assassina, contratada pela máfia da família Falconi, assassina Joe em frente a todos.

Ainda nos apropriando deste recorte de cena (PENAFRIA, 2009), Rachel Dawes retira Bruce daquele local onde ambos têm uma profunda conversa sobre como o crime organizado tem o controle de Gotham desde os políticos mais renomados, passando pelo departamento de polícia, até os cidadãos mais humildes da cidade. Bruce então revela a Rachel que ele desejava assassinar Joe Chill, mas que essa oportunidade lhe foi tomada (BATMAN BEGINS, 2005). Esse momento é decisivo para compreendermos as decisões que Bruce veio a tomar em seguida.

Rachel dá um sermão em Bruce, o envergonhando ao pedir que ele lembre da memória dos pais e o quanto eles estariam envergonhados em vê-lo cometendo aquele tipo de atitude (BATMAN BEGINS, 2005). O mais importante de se refletir nesta passagem é que mais uma vez Bruce se vê confrontado com a mensagem e os ensinamentos recebidos de seu pai, o que consequentemente o coloca de fato em um radicalismo em suas atitudes. É a partir deste momento que o jovem Bruce Wayne abandona a cidade de Gotham e embarca em uma jornada de autoconhecimento e desenvolvimento pelo mundo.

Forjando um símbolo para recalcar o desejo

De maneira simples e linear, podemos conceber a criação do vigilante noturno Batman ao trauma que Bruce Wayne vivenciou em sua infância com o assassinato dos pais (BATMAN BEGINS, 2005). Entretanto, e de maneira Psicanalítica, podemos entender que o surgimento de Batman pode estar amparado nas três instâncias psíquicas apresentadas por Freud (1974) e na necessidade de Bruce atender ao seu desejo de uma maneira que ele possa aceitá-lo e, consequentemente, justificá-lo.

Vamos adentrar no tema refletindo acerca do que podemos conceber sobre o desejo de Bruce através do que nos é disponibilizado pela película. Primeiramente, devemos observar através de uma avaliação das cenas disponibilizadas (PENAFRIA, 2009), que não existe promessa alguma verbalizada por Bruce em relação à morte dos pais. Entretanto, o filme, de maneira simbólica, nos deixa livres para interpretarmos suas promessas pessoais.

Ao lançar a arma que usaria para matar Joe Chill no mar (BATMAN BEGINS, 2005) percebemos que o personagem acabava de estabelecer uma promessa que reflete duas decisões:

a primeira, de não utilizar armas de fogo, visto que esse foi o objeto utilizado para tomar a vida de seus pais, operando de maneira simbólica e refletida na segunda decisão, a de não tomar a vida das pessoas.

A segunda promessa, novamente não verbalizada, mas possível de ser interpretada através das atitudes e cenas descritas na película (PENAFRIA, 2009), é a de não ficar paralisado pelo medo e conseqüentemente não agir quando a situação exige que ele defenda alguma pessoa ou exista um chamado de justiça. Inclusive, para obter êxito nessa segunda promessa, o personagem deixa claro que deseja dividir o seu medo com os seus adversários, por isso escolhe a identidade de um morcego, o animal que o atormentou na infância e que foi a razão pela qual ele fez com que os pais deixassem o teatro, levando-os a serem assassinados (BATMAN BEGINS, 2005).

Podemos ainda tecer uma terceira promessa, novamente não verbalizada no filme, mas que pode ser refletida de maneira simbólica. A promessa de que ele, Bruce, não permitiria que o que aconteceu a ele viesse a acontecer com as outras pessoas, fazendo assim com que ele transformasse seu trauma em algo benéfico, ao invés de tornar-se meramente um desejo de vingança sem rumo (BATMAN BEGINS, 2005). Cabe ainda ressaltar que, apesar de não ter verbalizado essa promessa na película, a mesma está presente em diversas publicações do herói nas histórias em quadrinho, inclusive em *Batman Ano Um*, de Frank Miller (2007), de, onde já mencionamos, foi a principal fonte de inspiração para o filme.

Agora que temos elaboradas estas três promessas que Bruce parece ter feito a si mesmo, podemos finalmente organizá-las dentro das três instâncias psíquicas que Freud (1914) estabeleceu. Para melhor estruturá-las e ter uma representação estabelecida como modelo, vamos nos ater a uma cena em específico, novamente fazendo uso da análise de filmes (PENAFRIA, 2009), e retirar através dessa observação as estruturas do aparelho psíquico.

Começemos então pela energia catalisadora das ações de Bruce, o ID. Como já apresentado anteriormente, o ID, para Freud (1914) pode ser concebido como uma fonte de desejos puros. Quando pensamos na palavra puro, devemos o fazer pensando em suas propriedades e origens que remetem a um sentido de cru, espontâneo e original, e não no sentido de ser imaculado ou sacro. O ID, em sua real concepção, desconhece o certo ou errado, bem ou mal, aceitável ou inaceitável. Na verdade, o mesmo não possui regras ou critérios para a elaboração de desejos. Desejos estes que são a motivação por trás das ações de um indivíduo.

O ID de Bruce pode ser observado, assim como Freud (1914) apontou em sua formulação, através da observação dos comportamentos do indivíduo. O desejo por um objeto irá surgir através da pulsão, que por sua vez irá conduzir o sujeito a buscar saciar essa

necessidade de gozar o prazer possivelmente obtido com a alcance do objeto. Bruce demonstra em suas atitudes ter uma necessidade profunda de se vingar infligindo dor física e mental sobre aqueles que ele culpa por tomarem dele o que ele mais amava, os pais (BATMAN BEGINS, 2005).

Podemos também observar como Bruce é sádico e frio em suas ações, demonstrando novamente a sua necessidade de usar violência para manifestar o seu desejo de vingança advindo da frustração de não poder ter salvo seus pais. Ainda cabe ressaltar que a busca que o mesmo faz para entrar em combate físico é digna de atenção por conta da sua representatividade simbólica, já que podemos interpretar com a observação psicanalítica (FREUD, 1914) que Bruce o parece fazer para sofrer uma forma de punição física por ter sido incapaz de agir quando criança (BATMAN BEGINS, 2005).

Através da análise que se pode fazer com relação aos desejos que Bruce manifesta de maneira simbólica, podemos tecer a ideia de que o personagem que ele criou para si, Batman, é o catalisador do canal para que ele possa gozar de seus desejos mais profundos e vorazes. É quando Bruce incorpora o personagem Batman que ele tem a liberdade de lançar ao mundo toda a sua frustração, evitando o julgamento que iria sofrer sendo apenas o bilionário Bruce Wayne em uma busca desenfreada por vingança, ódio e raiva (BATMAN BEGINS, 2005).

Fazendo um breve retorno ao que já elaboramos em relação às promessas não verbalizadas que o personagem fez a si mesmo (BATMAN BEGINS, 2005), vamos perceber que um contraste acaba sendo gerado ao confrontarmos as mesmas com os desejos e atitudes da manifestação de seu ID através do personagem Batman. Nesse momento, nos utilizando do que Freud (1914) expôs sobre as três instâncias psíquicas, podemos observar como o Superego de Bruce se apresenta de maneira rígida e radical em uma profunda ambiguidade e dicotomia em relação aos desejos sombrios de seu ID.

O Superego de Bruce o leva a interpretar as regras sociais, aprendidas com seu pai durante o segundo tempo do Édipo (LACAN, 1999), de maneira extrema. Podemos perceber esse contraste marcante entre ID e Superego em diversas das atitudes do personagem e, assim que o fizermos, perceberemos o quão evidentemente ambas são necessárias para que ele consiga operar para justificar sua necessidade de atingir a satisfação para seu ID ao mesmo tempo em que se mantém devoto ao regramento de seu Superego.

Podemos vislumbrar isso em suas ações durante a película (PENAFRIA, 2009) quando Bruce deixa claro que não tomaria a vida de um indivíduo porque isso não seria justiça (BATMAN BEGINS, 2005). Entretanto, toda vez que ele entra em combate, é evidente que as pessoas que ele confronta saem extremamente lesionadas, o que consequentemente nos leva a

perceber que ele não tomaria a vida de um indivíduo porque isso seria errado para o Superego, mas pode infligir uma lesão severa e permanente como uma forma de entregar ao desejo voraz do ID a vingança física desejada ao mesmo tempo que se mantém dentro de um conjunto de regras estipuladas pelo seu Superego (FREUD, 1914).

Essa ambiguidade é também marcante quando levamos em consideração a sua necessidade de proteger as pessoas, impedindo que as mesmas sofram o tipo de perda que ele veio a sofrer na infância (BATMAN BEGINS, 2005), ao mesmo tempo em que ele mesmo se recusa a tentar se aproximar das mesmas em uma clara confluência com o seu problema em não passar corretamente pelo terceiro tempo do Édipo (LACAN, 1999).

O que se observa é que Bruce interpreta as palavras de seu pai em um sentido radical e rígido. Por exemplo, seu pai dizia que a família Wayne devia muito aos cidadãos de Gotham e que, portanto, eles deveriam devolver essa prosperidade que adquiriram de volta a seus habitantes (BATMAN BEGINS, 2005). Quando Thomas tentou ensinar isso ao filho, podemos interpretar que o fazia tendo como referência as empresas Wayne e como eles poderiam promover ações que gerassem empregos, segurança e trabalhos filantrópicos para os cidadãos se utilizando de sua abastada situação. Thomas falava com uma criança que, conforme crescesse, entenderia o que o pai tentava lhe ensinar e o verdadeiro sentido de suas palavras. Assim como seria o processo dos tempos do Édipo (LACAN, 1999).

A questão é, ainda nos utilizando de Freud (1914) e sua elaboração das três instâncias psíquicas, que Bruce supervalorizou esse ensinamento do pai por conta de seu rígido Superego, já que, quando o pai falava em proteger os habitantes de Gotham e zelar por eles, ele não estava pedindo ao filho para arriscar a própria vida atuando como um vigilante clandestino combatendo criminosos armados e usando os recursos da empresa da família para financiar essa ação. Entretanto, é dessa forma que Bruce acha que deve agir para tornar realidade o desejo dos pais e honrar as promessas que construiu para si.

Para compreender os elementos que cercam essa complexa relação existente entre o ID e o Superego de Bruce, precisamos encontrar o mediador desse diálogo entre um desejo voraz e devorador e um regramento rígido e punitivo. O equilíbrio da confluência destas duas instâncias está na representação do Ego de Bruce e como o mesmo faz uso da sua percepção para permitir a realização do seu desejo, seu recalque ou sua inibição (FREUD, 1914).

Vamos refletir sobre as atitudes de Bruce e como elas estão intimamente relacionadas à regulação da percepção do mesmo. Como o Ego, segundo Freud (1914), se apresenta como o símbolo moderador das necessidades do ID e o regramento do Superego, o mesmo deve decidir se o desejo deve ser atendido ou não, fazendo isso com base em uma avaliação das condições

em que o indivíduo está e se as mesmas juntas do ambiente são propícias para que o prazer do desejo possa ser gozado (FREUD, 1974).

Para um melhor entendimento devemos perceber as atitudes de Bruce, seu desejo oculto nelas e suas justificativas. Começamos, então, pela criação do personagem Batman (BATMAN BEGINS, 2005). Bruce, em sua figura como homem público, filho abastado e órfão da família Wayne, não poderia sair pelas ruas de Gotham lutando contra criminosos armados. Entretanto, se quem fizesse isso não fosse ele, mas sim um personagem, um símbolo, então o mesmo poderia desfrutar dos desejos que o possuem (ID) ao mesmo tempo que justifica para si mesmo que não é ele, mas a “causa” pela qual ele luta (Superego).

Outro ponto possível de se analisar é que Bruce, como já trouxemos em outra observação, não consegue interagir com outras pessoas, demonstrando uma grande introversão, reflexo do seu terceiro tempo incompleto (LACAN, 1999). Porém, quando Bruce veste o manto de Batman, este é o momento em que ele cria um vínculo maior e mais elaborado com as pessoas, principalmente com as que ele busca defender através de suas atitudes em defesa e sacrifício dos mesmos. Interações essas mais perceptíveis quando ele interage com o aliado Jim Gordon (BATMAN BEGINS, 2005).

Mesmo quando Bruce precisa agir como o acionista majoritário das empresas Wayne e cumprir suas funções sociais como o herdeiro da família Wayne, ele o faz criando para si um teatro pessoal onde age como um playboy irresponsável e mulherengo, da maneira que seu fiel mordomo Alfred o aconselhou a fazer para manter sua identidade como Batman preservada (BATMAN BEGINS, 2005). Em outras palavras, Bruce dedica toda a sua força, ímpeto e dedicação para manter o personagem que criou para si mesmo protegido e ativo.

Os resultados da criação do personagem Batman para Bruce podem ter assumido uma posição complexa e de extrema dependência para o mesmo. Observa-se através da análise psicanalítica (FREUD, 1974) que ele não aparenta conseguir operar dentro do seu extremo desejo de saciar o ID se enquadrando dentro do sistema de regramentos rígidos impostos pelo Superego. Batman, para o bem ou para o mal, tornou-se a balança harmônica da existência de Bruce. Retirar o personagem simbólico que ele criou da equação que seu Ego estabelece para as decisões é o mesmo que tirar a própria equação em si.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Adentrar um personagem tão conhecido e difundido como Batman para se realizar uma análise que busca apontar se é possível realizar uma observação psicanalítica sobre o mesmo e sua simbologia é extremamente desafiador e audacioso para se dizer o mínimo. Mesmo delimitando o foco da análise para uma única obra como o filme *Batman Begins* (2005), não simplifica a densidade e riqueza que o personagem reflete de elementos simbólicos tão presentes em todo o aparato psíquico humano apresentado pela Psicanálise de Freud (1914).

Como referido anteriormente durante a produção do presente trabalho, encontrar as ferramentas adequadas para fazer a análise filmográfica não seria uma tarefa tão simples quanto a da análise psicanalítica, já que a última possui diversas obras e produções. Portanto, ao encontrarmos o trabalho de Penafria (2009) e sua análise de filmes, foi nítida a sua relevância para que pudéssemos aliá-lo na construção de nossa análise.

Ao elaborarmos nossas primeiras reflexões sobre a análise que construímos, foi ficando evidente o que buscava-se ao considerar os objetivos geral e específicos que haviam sido levantados para a proposta do presente trabalho. Pode-se, a cada levantamento feito, evidenciar que era possível uma análise aos moldes da Psicanálise (FREUD, 1974) sobre o personagem escolhido e suas interações sociais e psicológicas.

Quando cenas específicas foram lançadas à luz da análise de filmes (PENAFRIA, 2009), foi possível darmos a elas a conotação de memória e lembrança para o personagem, o que, dentro do aspecto da Psicanálise, nos possibilita interpretá-las como relatos de um paciente que reconta suas experiências e jornada. Através desta percepção que se estabeleceu durante o desenvolvimento da análise, os elementos presentes nas instâncias psíquicas apresentados por Freud (1974) começaram a ganhar forma e a serem classificados dentro de suas respectivas nomenclaturas psicanalíticas.

Foi clara, para o mérito tratado neste trabalho, a evidência das instâncias da personalidade do personagem Batman (*BATMAN BEGINS*, 2005) e sua relevância para apontar que este, mesmo sendo um personagem fictício, carrega consigo os mesmos elementos existentes e perceptíveis em qualquer ser humano. Traços como sua raiva, o desejo de vingança, a autopunição, o estilo de vida autodestrutivo, a dificuldade em se relacionar e confiar em outras pessoas e sua constante luta por um desejo inalcançável apenas evidenciam que poderíamos facilmente estar falando de qualquer outro ser humano, o que nos deixa muito a vontade para compararmos Batman e seus sofrimentos, adaptações, ideais e paixões a qualquer um de nós. Portanto, o título do presente trabalho carrega a significância “Batman, o morcego dentro de

nós”, já que qualquer pessoa pode se identificar com o personagem, suas limitações, virtudes, defeitos, desejos e experiências.

Quando consideramos o ID de Bruce Wayne e sua pulsão intensa e arrebatadora de buscar vingança e compensação e de gozar da realização de desejos intensos que o consomem, podemos mesmo dizer que não dividimos algo em comum com o personagem quando levantamos diversos casos todos os dias de seres humanos vivendo com estas mesmas características? Especialmente quando, ao realizarmos uma autoavaliação, percebemos que em diversos momentos somos guiados a agir da mesma maneira por nosso ID? A resposta encontrada pelo presente trabalho a essas perguntas é sim, especialmente ao justificarmos que o personagem sofre das mesmas condições que todo o ser humano experiencia.

Ao vislumbrarmos o Superego de Bruce, novamente evidenciamos sua similaridade com as instâncias da personalidade presentes para a Psicanálise em todos os seres humanos. O código moral do personagem é baseado centralmente nas perspectivas e interpretações dadas ao mesmo por seus pais e pela sociedade, trabalhando como um catalisador da responsabilidade do mesmo, uma vez mais colocando-o dentro das limitações que todos possuímos.

Quando esse conflito entre desejos e responsabilidades atinge seu conflito inevitável, vemos o Ego de Bruce ter de agir para equilibrar a necessidade dos desejos que o consomem e a rígida exigência de seu regramento para se manter responsável. A percepção de Bruce encontrou um equilíbrio intrínseco ao justificar suas atitudes através da criação de um elemento simbólico, Batman, que pudesse catalisar a realização de seus desejos profanos e draconianos ao mesmo tempo em que é freado pela elaboração de regras e limites impostos por um código baseado em promessas pessoais estabelecidos por ele mesmo.

O comportamento e as interações de Bruce são marcados por sua solidão e afastamento dos outros, com a criação de um círculo extremamente fechado de pessoas que ele permite aproximarem-se, traço característico de uma dificuldade vivenciada no terceiro tempo de Édipo (LACAN, 1999), onde podemos evidenciar, com a ajuda do recorte de cenas (PENAFRIA, 2009), que o mesmo sofreu.

Sua necessidade compulsiva de ter de se sacrificar para salvar as outras pessoas ou evitar que as mesmas sofram perdas como o mesmo sofreu são presentes em toda a sua trajetória. Entretanto, esta mesma necessidade cria um contraste realmente forte e evidente quando percebemos o quanto o mesmo se esforça para não se aproximar de outras pessoas e estabelecer confiança. Uma relação dicotômica que é especialmente marcada pela forma como o mesmo encontra um equilíbrio na figura simbólica criada para si mesmo.

Dois pontos extremamente importantes surgiram durante a realização deste mesmo trabalho, sendo o primeiro o de elaborar uma estrutura que pudesse fornecer o entendimento a leitores que estivessem se deparando com conceitos e termos da Psicanálise pela primeira vez e a capacidade de poder seguir o raciocínio proposto. O segundo ponto, e não menos importante, é o de reforçar e salientar com extrema significância a carência de materiais que tenham se dedicado a um estudo semelhante dentro dos moldes propostos dentro deste trabalho para a sua realização. Um dos desejos que surgiram durante o processo de realização desta mesma obra foi o de abrir caminho para que novos estudos dedicados ao tema possam ser realizados, com abertura para análises vindas de todos os campos e abordagens dentro da psicologia, e assim, consequentemente, possam surgir mais evidências e observações que enriqueçam o campo de estudos e de pesquisas.

“I wear a mask. And that mask, it’s not to hide who I am, but to create what I am.”

- Batman

“Eu visto uma máscara. E essa máscara não é para eu esconder quem eu sou, mas para criar aquilo que eu sou.”

- Batman

REFERÊNCIAS

- BATMAN Begins. Direção de Christopher Nolan. Los Angeles, Warner Bros Pictures, 2005. 1 DVD (140 min).
- BRENDON, Piers. **The Dark Valley: A Panorama of the 1930s (2000) comprehensive global economic and political history**;
- CRAIG, Campbell; Logevall, Fredrik (5 March 2012). **America's Cold War: The Politics of Insecurity**. Harvard University Press.
- FERNANDES, Elisângela Barboza. (2002). **Narcisismo**. Universidade Federal de São Carlos - Departamento de Psicologia. 2º Semestre.
- FREUD, S. [1914]. **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 1. ed. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 85-119.
- FREUD, S. (1996). **Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, V). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1974). **A dissolução do complexo de Édipo**. (J. Salomão, Trad.). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XIX, pp. 215-226). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1924)
- FREUD, S. (1996). **O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)**. (Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, XIX). (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (2014). **Compêndio de Psicanálise e outros escritos inacabados**. (1ª ed.). (P. H. Tavares, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (2017). **Neurose, Psicose, Perversão**. (1ª ed.; 2 reimp.). (M. R. S. Moraes, Trad.). Belo Horizonte: Autêntica.
- FREUD, S. (1911). **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranóia autobiograficamente descrito**.
- FREUD, S. (1905) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, vol. VII**. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- FREUD, S. **A perda da realidade na neurose e na psicose (1924)**. In: SALOMÃO, J. (Org.). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 203-209. Edição Standard Brasileira.
- CARLOS, G. A. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social, 7ª edição**. [Digite o Local da Editora]: Grupo GEN, 2019. 9788597020991. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/>. Acesso em: 06 Jun 2021
- GARCIA-ROSA, Luiz Alfredo. (1995). **Introdução à Metapsicologia Freudiana**. (7ª ed.) Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- LACAN, J. (1995). **O seminário livro 4: A relação de objeto**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.

- LACAN, J. (1999). *O seminário livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- LACAN, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*; In Escritos - RJ: Jorge Zahar Editor.
- LAPLANCHE, J., & Pontalis, J. (2001). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LORENZ, K., *Antriebe tierischen und menschlichen Verhaltens*, Munique, Piper & Co., 1968 (trad. esp. pela Siglo XXI, México, 1971, com o título *Biología del comportamiento*).
- MILLER, Frank. (1986). *The Dark Knight Returns*. DC Comics. Limited Series. February to June 1986.
- MILLER, Frank. (2007). *Batman: Year One*. DC Comics. Year One Deluxe. Limited Series. April 2007.
- PENAFRIA, Manuela. (2009). Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s) VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.
- PUBLIUS Ovidius (8). Tradução de Domingos, Lucas Dias (2017). *Metamorfoses*. (1ª ed.)
- SÓFOCLES (496 AC-406 AC). Tradução de Souza, J.B de Mello (2005). *Rei Édipo*. Versão para ebook.
- SPERGEL, Irving A. "Youth Gangs: Continuity and Change", *Crime & Justice* vol. 12 (1990): 172
- COLETIVO de autores (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. American Psychiatric Association. Artmed.
- WARNER Bros. Entertainment (2021). *Batman 80th Anniversary Collection | Knight Immortal* | Warner Bros. Entertainment. Youtube, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NAxjyKafBzI>> acesso em: 25 de março de 2021.